CEMAP_AQUI_SPO_PAULO_6_A_12_DE_JANEIRO_DE_1977_N_60

A censura pode matar a novela

Regina Duarte (a Stela de "Despedida de Casado") não será vista pelos 30 milhões de telespectadores da TV Globo. O veto foi mal feito. Não quis a censura nem ouvir as explicações de Walter Durst.

Páginas 23-26

AQUI
SÃO PAULO
Diretor Editorial: Samuel Wainer
6 a 12 de janeiro de 1977 — Ano II — Nº 60 — Cr$ 5,00

FUNDO AC CEMAP

A CEMAP - HEMEROTECA
CLASS.

BOTTA Nenhuma Revolução Se Eterniza

Páginas 5-6

PESQUISA Gallup revela: Os sete problemas que mais afligem os paulistanos

Páginas 16-17

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

OPINIÃO Julio Albuquerque

Para vencer 1977

Depois de quase três anos no exercício da Presidência da República, o general Ernesto Geisel transmite aos brasileiros a força de sua imensa autoridade moral e a certeza de que avalia devidamente as pesadas e penosas responsabilidades da função que lhe foi conferida. Não obstante, S. Exa., em seu pronunciamento do dia 29, passa por cima de alguns equívocos que dão margem a observações oportunas e necessárias.

Como o presidente declarou confiar no apoio de todos os que se mantêm de boa fé, nada mais conveniente do que tentar estimular o detabe em torno de conceitos fundamentais ao êxito da administração, chamando atenção para deficiências que não foram reconhecidas.

O general Ernesto Geisel assumiu o governo no momento em que, como ele mesmo declarou na primeira reunião de seu ministério, realizada poucos dias depois de 15 de março de 1974, mudanças drásticas, processadas no cenário mundial, intranquilizavam a vida das nações, fazendo prever mesmo a instituição de uma "nova ordem internacional". Referia-se o presidente, sobretudo, à crise do petróleo, desencadeada em setembro de 1973 e ainda em evolução. Não se compreende entretanto que, encarando a realidade, o governo consentisse na elaboração de um ambicioso II Plano Nacional de Desenvolvimento, que até recentemente era defendido pelo secretário de Planejamento da Presidência da República, embora se constatasse que estava completamente divorciado da atualidade. Se a desaceleração que agora se pretende imprimir à marcha da economia fosse programada em 1974, muitos males se teria evitado – e talvez o Brasil houvesse ultrapassado as dificuldades geradas pela majoração dos preços do óleo importado, como a maior parte do Ocidente ultrapassou.

Referindo-se ainda à crise do petróleo, lembrou o presidente: "Desde o choque inicial de 1973, quase atordoante, reflexos sucessivos se fizeram sentir, com real prejuízo das economias em desenvolvimento, como a nossa...". Então por que só se chegou à solução dos contratos de risco quando ia adiantada a segunda metade de 1975? E por que não se esgotaram com extrema rapidez os efeitos da decisão de, sem quebra do monopólio estatal, associar capitais e tecnologia do exterior à pesquisa do combustível?

É sabido que a Petrobrás não dispunha em 1973 (como não dispõe hoje) de sondas e geólogos para acelerar a pesquisa. Mas não parece realmente interessada em conquistá-los lá fora e colocá-los a serviço do país. De resto, a elevação progressiva dos preços do óleo não a abala: ela, simplesmente, o compra e revende, com bom lucro. O Brasil é que perde. A minuta dos contratos de risco demorou tanto a ser elaborada, que o trabalho de redigi-la parecia jamais chegar a termo. Afinal, divulgada, impunha condições tão leoninas que afastou quase todos os possíveis interessados. Sobraram cinco, dispostos a exploração de uma dúzia de áreas diminutas, considerando o total de bacias sedimentares brasileiras – e todas debaixo d'água, onde a perfuração é mais cara e exige equipamento sofisticado. Até o final de 1976, dois contratos de risco foram celebrados. É muito pouco. O Brasil importa oitenta por cento do petróleo que consome. Tenha-se como falaz a alegação de que, de qualquer forma, o risco veio tarde, é inútil, porque a descoberta da jazida significa pouco; o que conta é sua exploração comercial, dois ou três anos depois – e em 1979 ou 1980 o pior terá passado. Preservada a soberania nacional, se se abrissem no tempo oportuno as bacias deste país a uma pesquisa intensiva e bem orientada, o petróleo descoberto teria solucionado os principais problemas que retardam a retomada do desenvolvimento. Pois a simples cubagem das reservas suscetíveis de aproveitamento em larga escala significaria créditos e facilidades suficientes para equilibrar o balanço de pagamentos. Depois, ninguém se queixe. Na Argentina, em novembro último, sem quebra de soberania e sem prejuízo algum, cerca de cem empresas internacionais candidataram-se à pesquisa petrolífera. Lá são abertos quatro vezes mais poços do que aqui; e já se pode fabricar uma bomba atômica porque, apesar das crises políticas que assolam a nação platina há mais de duas décadas, houve quem levasse adiante um programa efetivo de construção de usinas e de importação de tecnologia que garantiu esse resultado.

O patriotismo do general Ernesto Geisel, tantas vezes comprovado, levou-o a aprovar os contratos de risco e negociar o acordo nuclear com a Alemanha. Cumpre implementá-los corretamente. Ainda há tempo para colher do risco os benefícios que pode proporcionar? É evidente que sim. Mas será indispensável uma mudança de ritmo e de métodos na condução dos entendimentos que visam à conclusão de novos contratos. Quanto ao acordo atômico, constitui-se no grande óbice a ser contornado pelo Itamaraty, neste 1977 carregado de incertezas e percalços.

Mas em 1978 amanhecerá com relativa tranquilidade, se o governo fechar a frente interna, promovendo um esforço de conciliação nacional, destinado a reforçar-lhe o poder de comando e à construção da base política de que precisa para dedicar-se por inteiro à administração. Esse poder de comando será tanto maior e mais fácil de exercer na medida em que contar com o respaldo do conselho nacional.

O LEITOR

Os ônibus para executivos e o povo

Senhor Editor:

A novidade agora é o chamado ônibus tipo executivo. A informação é de que eles se destinam a economizar gasolina, permitindo que os executivos se dirijam ao trabalho sem precisar sair em seu próprio carro, perder tempo em estacionar e pagar uma nota no estacionamento.

Não há o que censurar na idéia. Mas será que é isso exatamente o que vai acontecer? Tenho minhas dúvidas e, por isso, estou escrevendo esta carta. Quando começaram a surgir as linhas especiais a conversa era a mesma. Assegurar maior comodidade ao passageiro. Este pagaria mais mas viajaria sentado, sem atropelo, etc.

No fim não se verificou nada disso. As linhas especiais se converteram numa forma para tirar mais dinheiro do passageiro, duas vezes e meia o que custa uma viagem no ônibus comum.

Assim, não é de estranhar que acabe acontecendo o mesmo com os ônibus para executivos...

Atentamente,

J. Salvador S. de Morais

Telefones que insistem em ficar mudos

Senhor Editor:

Muitas reclamações já enviei, e muita gente deve ter feito o mesmo, abordando o problema dos telefones que não falam. Não se trata dos aparelhos públicos, nos orelhões, onde a proporção dos mudos é enorme, superando a dos que ainda falam. Estou me referindo aos particulares, nos bairros.

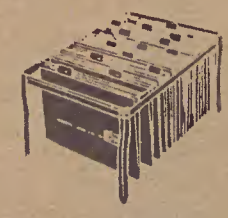
Basta uma chuva para que o suplício comece e demore dias e dias. Não adianta reclamar junto à Talesp. A resposta é a mesma de sempre: estamos providenciando. Defeito na linha. Restabelecimento dentro de horas. E etc.

Assim, o problema fica sempre adiado, sem uma solução definitiva. Igualzinho ao caso das enchentes. Se chove enche. Se chove e enche os telefones ficam mudos. Nessas condições só resta apelar para providência, pois alguma solução aqui na terra está parecendo impossível.

Com os agradecimentos de

Josias L.V. de Camargo

PASTA MOVEL
E SUSPENSA
ankog


MARCA REGISTRADA INDUSTRIA BRASILEIRA
M. KOGAN & CIA. LTDA.
Rua 7 de Abril 264 8º andar, s/ 817-18-19
Fones: 34-0218/34-2813 – SÃO PAULO
AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Quem gosta do que faz só fica satisfeito se você ficar também.

Quem faz um serviço só por fazer, está pouco se importando se você ficou satisfeito ou deixou de ficar.

A sua opinião só é importante para alguém se esse alguém gosta do serviço que está prestando.

Como aqui na Vasp.

Cada um aqui gosta muito do que faz.

Cada um aqui põe vontade, amor e arte, até nas pequenas coisas que você estaria disposto a relevar.

E quando vemos você satisfeito nós ficamos também, pois significa que conseguimos fazer tudo bem feito, como a gente gosta.

Voe Vasp.

E como você gosta.

VASP

Onde você voa com quem gosta.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

DEBATE Mario Wilches

Da indefinição à incerteza pelos caminhos da insegurança

Das indefinições de 76 estamos chegando às incertezas de 77, uma etapa a mais no caminho da insegurança. Se não houve a fixação de um rumo definido no ano pasado, destino idêntico parece reservado ao corrente ano. Acrescente-se que o próprio presidente Geisel, em seu pronunciamento da semana passada, deixou claro, sem qualquer otimismo, que as perspectivas atuais são mais difíceis do que as de 76.

Fora das restrições, que serão maiores mas não foram ainda suficientemente definidas, não há notícia de planos concretos. Tudo o que se diz a respeito ou é especulativo ou se apoia em informações de que vão ser elaborados esboços para apresentação em março ao Legislativo, depois de aprovados pelo governo. Enquanto isso os temores são de que os contornos da crise, que no ano passado foi essencialmente econômica, ampliem-se este ano, com reflexos políticos e sociais.

Na política devem prosseguir as mesmas frustrações de 76. Um processo de distensão que nunca chegou a ser deflagrado e que nem possibilitou a realização de debates: apenas opiniões isoladas, insinuações de cunho oficial e idéias contraditórias. A mesma coisa em relação ao bi-partidarismo que continua rígido apesar das referências imprecisas sobre a alternância no poder. Idem em relação à institucionalização do sistema. Apenas o pleito salvou o ano, funcionando como indicação de que a democracia não está totalmente perdida.

Este ano, entretanto, não teremos eleição capaz de sobrepujar as indefinições que vão se convertendo em incertezas. Perdurando esse clima, sem soluções à vista tanto para a situação econômica como para os problemas estruturais do sistema; é óbvio que nos aproximaremos de um impasse, já num ambiente não mais de incertezas mas de insegurança.

É difícil uma explicação para o panorama político e econômico que o país está atravessando. Em outras nações, onde o governo não possui a força decisória existente no Brasil, foram tomadas, no tempo certo, medidas claras, sem ambiguidades ou rodeios, que apresentaram resultados positivos, permitindo que 76 se firmasse como ano de recuperação. Não aconteceu o mesmo conosco e estaremos tentando este ano, sem muita convicção, a recuperação, que talvez só venha a ser obtida em 1978. Por essa situação não pode ser responsabilizado o fato de que somos uma economia dependente. Outros países, igualmente dependentes, já se encontram em posição de respirar ar menos poluído do que o nosso, livres da ameaça de recessão econômica.

Que houve imprevidência em numerosos setores da administração, é notório, certamente por uma excessiva confiança no prosseguimento do milagre brasileiro. Adotamos soluções monetaristas – criticadas pelos próprios monetaristas que as consideravam insuficientes ou faltas de vigor. Optamos por freiar o crescimento através da desativação da economia, o que irá aumentar ainda mais a distância que nos separa dos países desenvolvidos. E isso equivale a um sério ônus para o povo, com ameaça de maior marginalização, ao mesmo tempo em que irá crescer a nossa dependência. De uma maior dependência a uma mais acentuada desnacionalização é um passo que não precisa ser de sete léguas.

77 nasceu marcado pela falta de definições e excesso de incertezas no campo econômico e igualmente no político. Não existe convicção alguma quanto às providências que serão tomadas, as quais parecem depender de análises sobre os resultados das eleições municipais. Apenas chegam aos jornais especulações a partir de informações parciais que escapam de círculos oficiais ou aos mesmos são atribuídas. Nem chegam as mesmas, entretanto, a funcionar como "balões de ensaio" em que era hábil Getúlio Vargas. E nem se aproximam das inesperadas contra-marchas de Jânio Quadros que deixavam surpresos, inteiramente no ar, seus seguidores mais íntimos.

Diante disso só resta uma conclusão: não parece existir maior interesse na área oficial, que tudo pode, quanto à institucionalização do regime. E este, assim, continuará sob a égide da excepcionalidade. Por isso a distensão ficou no meio do caminho sem qualquer definição governamental. E nesse andar talvez não cheguem a ser debatidas a alternância no poder, a escolha direta dos governadores, a institucionalização do sistema e a indesejada, pois representa um retrocesso político, prorrogação de mandatos.

Os movimentos revolucionários, qualquer que seja a sua natureza, não escapam ao processo histórico: tomada do poder, punição, consolidação, institucionalização e distensão, mais ou menos intensa. Fora desse processo o que pode ocorrer é a deterioração, precursora de uma autofagia insaciável, criadora de impasses que poderão obstar a normalização do regime através de uma Constituição totalmente soberana. Corrigir distorções com medidas artificiais só serve para aumentar as deformações, agravando a sensação de incerteza quanto ao futuro. E ninguém consegue viver em incerteza, muito menos uma nação.

SUMARIO

"Amadas e Violentadas" recebeu no Paraguai o título de "Amor a Quatro Puntas". Mas o produtor do filme, David Cardoso, (foto), não sabe como o mesmo chegou ao Paraguai. Não houve venda – disse. Assim, resta a hipótese de roubo da fita. Para esclarecer o assunto foi encaminhado ao presidente Geisel, através do chefe da Censura Federal em São Paulo, José Madeira, uma denúncia, com documentos comprovando a exibição do filme no Cine Guarani, em Pedro Juan Caballero, a cidade paraguaia vizinha a Ponta Porã.

AQUI 60

Alternância no poder, um imperativo 5-6

Humor 8

A política, segundo J. Carlos Bittencourt 10-13

Os problemas de São Paulo em pesquisa do Gallup 16-17

O minhocão fecha à noite 19-20

Marlene e sua briga com David Cardoso 21

A censura não quis conversa com Walter Durst 23-26

Escolha seu programa em São Paulo e no Rio 27-28

Livros 29

P. M. Bardi 31

Leonardo Blake 32

Diretor Editorial: Samuel Wainer – Editor: Mario Wilches – Assistente Editor: Nei Duclos – Política: José Carlos Bittencourt – Música: Sérgio Mello – Reportagem: Hella Schwartzkop ff – Sérgio Pinto de Almeida – José Simch da Silva – Fotografia: Joel Sian – Arte: Valdir de Oliveira – Assistente de Arte: Fernando Pereira Monteiro – Colaboradores e Colunistas: Jacob Pinheiro Goldberg, Renato Bittencourt – Michel Laurence – Geraldo D.F. Forbes – P.M. Bardi – Leonardo Blake – Julio Albuquerque – Joana Fomm – Sofia Wainer (Brasília) – Diretor – Gerente: Maria Eliza Machado da Silva – Diretor Comercial: Lucio Piedade – Assistente da Diretoria: Fátima Aparecida da Silva.

AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora do Brasil – Mundo Ltda. Escritório Central, Rua 7 de Abril, 264, 8º, s. 817/8, fone: 34-0218, SP. Departamento Editorial, Rua Artur de Azevedo, 877, fone: 282-2831, SP. Brasília – Superquadra Sul 107, Bloco E, ap. 605, fone: 42-3337. Distribuição: Paulino da Silva Pereira Gonçalves Distribuidores de jornais e revistas – R. das Roseiras, 230 – Tel.: 273-9486 – S. Paulo. Composto e impresso na PAT – Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr.Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 853-7461, SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de inteira responsabilidade de quem as assina.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Depoimento 77

Botta

Nenhuma revolução se eterniza e nenhum partido se perpetua no poder

Fala o presidente da Assembléia Legislativa

Alternância é um imperativo do processo democrático e não exigência do MDB

Vicente Botta não é um político desconhecido. Já se encontra em seu sexto mandato como deputado estadual, depois de ter sido vereador dos mais votados de São Carlos. Advogado, professor e economista está atento e ao mesmo tempo familiarizado com os problemas básicos do país. Suas respostas ao questionário de AQUI–São Paulo constituem prova de sua maturidade política, como um dos mais destacados e prestigiados parlamentares que integram o MDB.

À frente da Assembléia, num mandato tampão que se está seguindo ao de Leonel Júlio, afastado por corrupção, sua responsabilidade é enorme. Pelas medidas sensatas que tomou, procurando salvar o prestígio da Asembléia e da própria oposição, afetada pelo escândalo das calcinhas, seu prestígio cresceu. E figura agora, embora se recuse a comentar, como um dos nomes mais em foco para presidir a Assembléia Legislativa neste exercício.

José Antonio da Silva

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O MDB sofreu com o escândalo Leonel Júlio e perdeu votos em todo o Brasil mas está preparado para sua total recuperação

Somente a alternância no poder — que não é uma exigência do MDB mas um imperativo do processo democrático — pode abrir o caminho à normalização da vida política brasileira, completando-se a sequência natural dos fatos históricos. Esse ponto de vista defendido pelo presidente da Assembléia Legislativa, cresce de importância quando se começa a falar, nos círculos federais, na eventualidade da alternância no poder, como meio de se chegar à distensão política.

Este e outro problema como a defesa das prerrogativas do Legislativo, eleições diretas e o combate à inflação foram analisados por Vicente Botta que apenas se recusou a comentar a formação da nova mesa da Assembléia, destacando tratar-se de assunto a ser decidido exclusivamente pela bancada.

Aqui — Até que ponto a imagem do MDB foi atingida pelo episódio que motivou a cassação do deputado Leonel Júlio?

Vicente Botta — O MDB sofreu nas últimas eleições o impacto das notícias e perdeu votos em todo o Brasil. Mas, como é um partido que sintoniza com a vontade popular e cresce na adversidade, sem dúvida está hoje preparado para sua total recuperação. Haverá de se impor, pela unidade e pelo trabalho de seus homens, à aprovação do eleitorado, conduzindo-se à meta que se propôs: O Governo.

Aqui — Como vê os cortes determinados pelo Governo em investimentos e obras públicas, como meio de reduzir os estímulos inflacionários?

Vicente Botta — Melhor do que reduzir os investimentos e paralisar obras públicas seria ter combatido efetivamente a inflação, que dentro do milagre brasileiro tem galopado vertiginosamente. Reconhece-se agora que as medidas não foram suficientes para debelar o fenômeno inflacionário. Para o reinício de uma caminhada, a contenção dos gastos é mais do que salutar — é conveniente e necessária.

Aqui — Qual o poder real que o Legislativo dispõe hoje para tomar decisões, aprovando ou negando?

Vicente Botta — As limitações impostas ao Poder Legislativo retiram-lhe condições de aprovar ou negar. Ao deputado se assegura hoje principalmente trabalho de fiscalização, de crítica ou de aplauso às gestões administrativas. No plano da iniciativa de leis, pouco está restando aos parlamentares. Como seria bom se fossem restabelecidas as prerrogativas de liberdade aos legisladores, permitindo-lhes participar efetivamente da elaboração orçamentária, do aperfeiçoamento das mensagens do Executivo e do atendimento, por sua própria autoria, dos reclamos das suas regiões, representantes que são, cada um, de parcelas ponderáveis da nossa população.

Aqui — Em linhas gerais, quais as perspectivas de formação da nova mesa da Assembléia?

Vicente Botta — Este é um assunto que cabe à Bancada decidir. Mas acredito que ela, como um todo, sairá engrandecida desse episódio que se aproxima. Há condições de sobra para a constituição de uma Mesa que se afine com a liderança, e para que trabalhem ambas, com o Diretório, pelo fortalecimento das bases emedebistas em todo o Estado.

Aqui — Sobre os problemas políticos equacionados nos últimos tempos. Como vê o bipartidarismo: com ou sem alternância no poder?

Vicente Botta — A alternância do poder não é exigência do MDB. É imperativo do processamento democrático. Retardar essa possibilidade é atentar contra a sequência natural dos fatos históricos, que ontem defenderam os propósitos da Revolução mas que podem não se ajustar a eles amanhã. Nenhuma revolução se eterniza e nenhum partido se perpetua no poder.

Aqui — Como encara a sucessão em São Paulo? Eleições diretas ou ainda teremos a escolha do governador mediante eleições indiretas? Acredita na prorrogação de mandatos?

Vicente Botta — Como democrata, constituinte, defendo a Constituição. E ela ordena eleições diretas. Sou também contra a prorrogação de mandatos pelo mesmo princípio de defesa dos dispositivos, mais do que éticos, constitucionais. O único caminho que vejo é o lógico, que nos leva à prática da democracia, na luta pelos direitos humanos. E essa prática ressalta a beleza da Justiça, através do julgamento dos homens.

FICA PERTINHO DA NOSSA CASA.

CADERNETA DE POUPANÇA BRADESCO.

GARANTIA DE SEGURANÇA

Onde você vai tem agência do Bradesco. Perto do trabalho, do supermercado, da escola das crianças. Tem uma em frente da nossa casa. Podíamos abrir a nossa em qualquer agência, mas escolhemos esta, é claro. Quando fomos abrir a caderneta levamos o Rodriguinho, nosso filho mais novo.
Todo mundo lá no Bradesco brincou com ele, pegou no colo. É isso.
No Bradesco a gente é bem atendido, se sente bem. Recebemos sempre a posição da nossa caderneta, que mostra direitinho quanto tem, quanto rendeu. No começo do ano, o Bradesco manda um balanço completo, que ajuda muito na hora de fazer o imposto de renda.
A gente conhece o Bradesco faz tempo. E esse nome é a maior garantia da nossa caderneta.

BRADESCO
garantia de bons serviços

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

RECADOS

"Pode ser até que a posição da Igreja na questão das terras contenha reminiscências feudais, como diz Rangel Reis. Não seria o caso de discutir doutrinariamente o assunto ao invés de exacerbar a histeria ideológica"?

– A.D. – Folha de S. Paulo

o

"A escalada de incidentes nos últimos meses entre membros do clero e autoridades quase faria supor que se chegou aos umbrais de um verdadeiro estado de beligerância".
–"Veja"

o

"A liberdade individual, a dignidade humana, em nome de cuja promoção os jovens de outros tempos se dispuseram a lutar, são, para a grande parcela da juventude de nossos dias, valores de importância secundaria".
Ruy Mesquita – (Discurso aos formandos de 1976 da Escola Politécnica da USP).

o

"No Brasil a retomada da inflação em declínio , só estará consolidada depois do Carnaval. Até lá vamos deglutir com casca e tudo as pressões sazonais da inflação gregoriana: o aumento do consumo em dezembro e a mudança do calendário em janeiro."
Joelmir Beting "Status".

o

"A descentralização é questão de sobrevivência para o País, pois os monstros urbanos, fruto de sua atividade indústrial, acabarão por sorver – e a fundo perdido – preciosa seiva do produto nacional".
J.C. Figueiredo Ferraz – Folha de S. Paulo

o

"Inflação, balança comercial, dívida externa, concentração de renda, problemas angustiantes de hoje, não são acontecimentos isolados, mas uma constelação que reflete o sistema internacional".
Severo Fagundes Gomes – Ministro da Industrio e Comercio – "Veja"

o

"Autoridades e educadores em geral se mostram alarmados com a falta de leitura das novas gerações. Um especialista chegou mesmo a afirmar que se tal anomalia continuar, o homem perderá sua capacidade de expressar pensamento em palavras e retroagirá àquele estagio no inicio da caminhada do "homo sapiens", em que ele naturalmente se exprimia através de expletivos como "Oh!" "Ah!" e "Ui". Algo assim como "Bicho", "Legal", "Estou na minha".
Luis Marcelo Moreira de Azevedo ("Cespaulista", 1976.)

o

Racionamento é coisa de país socialista.
Ministro Sigeaki Ueki.

o

"Oficialmente o Doca é um homem liquidado. Primeiro porque não é nenhuma grande fortuna, embora tenha quem possa ajuda-lo financeiramente. Depois porque já está a caminho dos 43 anos de idade. A essa altura da vida, ele já deveria estar com tudo consolidado na vida. E vai ter que começar abaixo de zero".
"Última Hora", S. Paulo, comentário colhido nos bares da Oscar Freire"

o

A construção do "minhocão" foi um erro clamoroso, que só pode ser levado adiante por causa da incompetência e da imensa vaidade do então Prefeito Maluf, que pretendia realizar "uma grande obra" do começo ao fim".
"Estado de S. Paulo"

o

"O fechamento do elevado desativa um importante meio de ligação entre as zonas Leste e Oeste da cidade, num momento em que a alternativa possivel – o Metrô – não está pronta".
"Folha de S. Paulo"

o

Se dependesse exclusivamente da palavra do presidente da República, a população brasileira iniciaria 1977 fortemente angustiada diante da perspectiva de ter que enfrentar um ano que ela começa a imaginar repleto de adversidades.
"Jornal da Tarde"

o

Para os professores 1976 foi um ano de desilusões e desestímulo. Mais de 22 mil reclamações trabalhistas foram transformadas em ações judiciais contra a administração estadual.
Raul Schwinden

o

Eu não vou aguentar mais dois anos trabalhando dessa maneira. O enfarte é o mais provável resultado se o Copersucar não andar entre os primeiros da Fórmula 1.
Wilsinho Fittipaldi

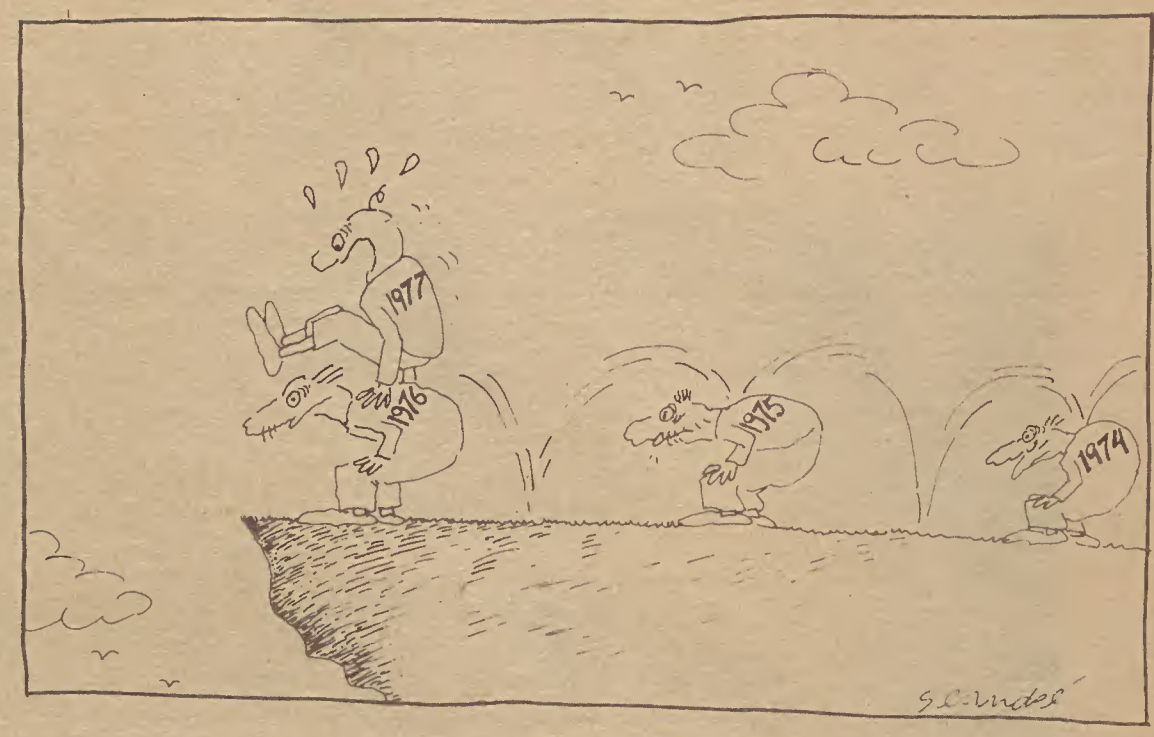
o

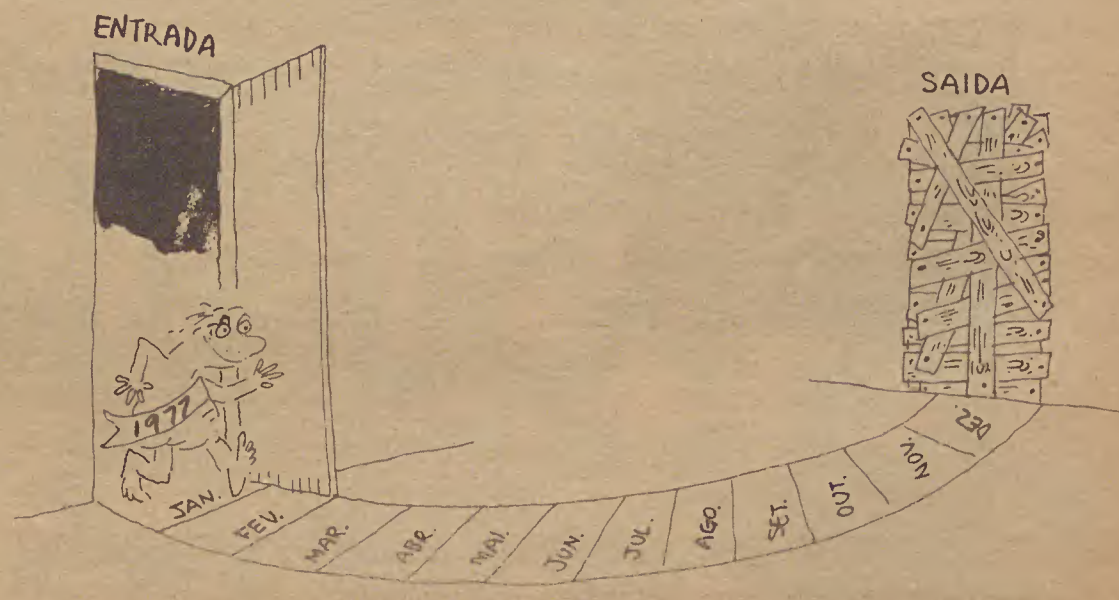
Sem melhorar as condições de vida em todo o País não será possível melhora-la nas grandes cidades brasileiras, a começar por São Paulo.
Olavo Setubal

Geandré

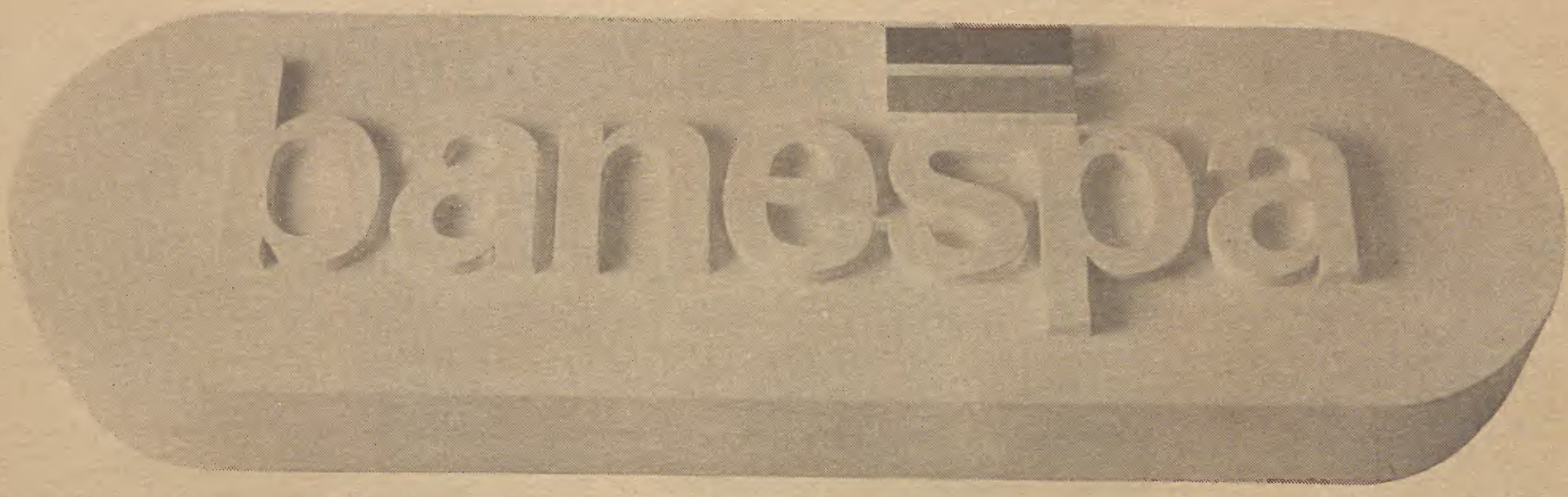
SESSÃO DAS 3

Por falar em Ano Novo...





Por trás desta placa, um novo tempo.



A partir de agora, você vai começar a encontrar placas como esta em algumas fachadas das agências do Banespa.

Originais em tudo. Para chegar a essas placas, o Banespa desenvolveu nos últimos dezoito meses

um completo programa de identidade visual, depois de uma série de estudos e pesquisas. Ele está sendo implantado, aos poucos, nas agências do Banespa, com novos talões de cheques, impressos, veículos e placas de sinalização.

A nova programação visual se estende desde a ampliação e reformulação de agências até a mobília e equipamentos, desenhados no mesmo estilo diferente e exclusivo.

Ao lado de todo esse trabalho, um outro da maior importância vem sendo desenvolvido:

o aprimoramento na prestação de serviços aos Clientes, que o Banespa vem realizando a todo momento. Treinando pessoal, criando novas funções, atualizando métodos de serviço e administração, remanejando agências e inaugurando novas casas planejadas para dar a seus Clientes o melhor atendimento possível.

Esse é um trabalho que ninguém faz da noite para o dia.

Sua execução requer tempo, planejamento e dedicação.

Hoje, o importante é dizer que, por trás de cada nova placa de uma agência Banespa, há um esforço muito grande para fazer um

banco mais dinâmico, humano e moderno. O Banco de um novo tempo.

banespa

Banco do Estado de São Paulo SA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

BASTIDORES – 1

José Carlos Bittencourt

Laudo e Sodré unidos contra Paulo Egydio?

O ex-governador Laudo Natel promete passar à ofensiva política, segundo acaba de se revelar em áreas laudistas, acrescentando-se que essa ação terá um objetivo principal: contrapor-se àquilo que está sendo classificado de movimento "anti-Laudo", e que teria suas raízes na disputa prematura e antecipada da sucessão paulista em 1978.

O movimento "anti-Laudo" teria – de acordo com as mesmas fontes laudistas – detonado o processo sucessório estadual a partir da "cristianização" dos vereadores apoiados pelo ex-governador na escolha dos representantes da Arena na futura Mesa Diretora da Câmara Municipal de São Paulo (Celso Matsuda e Brasil Vita), abertamente articulada pelo esquema Baldacci/Setúbal.

A "contra-carga" seria dada na Assembléia: os cinco deputados arenistas que se mantém fiéis a Laudo Natel (Ademar de Barros, Agnaldo de Carvalho, Abrahim Dábus, Archimedes Lamoglia e Eduardo Coutinho estariam dispostos a se unir à chamada "Arena de Vanguarda", articulada pelo trio Paulo Kobayashi, Marco Antonio Castello Branco e Armando Pinheiro, somando maioria na bancada arenista (13 deputados), e indicar os dois representantes do partido na futura Mesa Diretora, além de criar a figura do "líder de bancada", esvaziando o líder do Governo, deputado Nabi Abi Chedid.

Os primeiros entendimentos, a nível de deputados estaduais, já teriam se realizado e, em última análise, se uniriam dois inimigos políticos figadais, os ex-governadores Laudo Natel e Abreu Sodré, que tentariam impedir o crescimento político do governador Paulo Egydio Martins.

O que se estranha é que o esquema "anti-Laudo" esteja sendo divulgado exatamente pelos laudistas, como se justificassem, previamente, uma ação "anti-Paulo Egydio".

As mesmas fontes admitem, ainda, que a candidatura do ex-ministro e atual embaixador brasileiro em Paris, Antônio Delfim Netto, ao Governo paulista, só teria sido "relançada" em Brasília, para desviar atenções e dar espaço às articulações que terão de ser desenvolvidas por Laudo na Assembléia e no Interior do Estado, principalmente junto aos atuais prefeitos e dirigentes partidários. Laudo Natel estaria disposto a utilizar todas as armas disponíveis para obter o controle de seu partido – a Arena – em todo o Estado, garantindo para a futura convenção de 78 o número de delegados suficente para indicar sua candidatura à sucessão do governador Paulo Egydio.

Portanto: os "lançamentos" e os "recuos" táticos de Delfim teriam objetivo pré-determinado, ou seja, o de dar espaço à ação política de Laudo, que se veria na iminência de reconquistar o Palácio dos Bandeirantes, perdido quando ele

Paulo Egídio

Laudo Natel

não conseguiu ter influência suficiente para que o então ministro Delfim o sucedesse.

Sabe-se mais: no momento em que em Paris o ex-ministro Delfim Netto se "confessava" candidato ao Governo de São Paulo ao ser entrevistado pelo jornalista Reali Júnior, o ex-governador Laudo Natel tentava – contrariando inclusive seu estilo – "romper" com Paulo Egydio, rebatendo as declarações do governador segundo as quais o MDB poderia ganhar as eleições municipais de 76. O "rompimento" só não teria se verificado diante de "conselhos" de importantes figuras de Brasília, no sentido de que Laudo deveria entrosar-se na campanha municipal da Arena e procurar eleger o maior número possível de prefeitos, dando à sua participação no processo o caráter de "fato consumado" de poderio político-eleitoral. Ainda: um rompimento "forçado" por Laudo poderia debilitá-lo perante o Governo Federal, exatamente no momento em que o presidente Ernesto Geisel ia à praça pública para defender a Arena e imprimir às eleições um caráter plebiscitário. O recuo, porém, seria apenas "tático", pois a insistência numa "guerra estadual" poderia provocar reações que seriam negativas à tentativa de retorno de Laudo ao Palácio dos Bandeirantes.

Abreu Sodré

Hoje, haveria outra vez interesse em se estabelecer um confronto de posições entre Laudo Natel e Paulo Egydio: afinal, o crescimento da imagem do governador dos paulistas nas eleições municipais do ano passado permite prever que ele poderá chegar ao fim de seu mandato em situação privilegiada, tanto administrativa quanto politicamente. Como o terceiro ano (o penúltimo) de qualquer chefe de executivo é considerado o mais importante – em termos políticos e eleitorais – todos os esforços seriam concentrados em 1977 para impedir uma boa **performance** de Paulo Egydio.

Daí porque haveria um inegável interesse em se constatar uma ação "anti-Laudo" e que melhor pretexto senão a marginalização dos laudistas na Câmara Municipal? Argumentando-se que o ataque se justificaria como forma de defesa, os laudistas estariam interessados em destroçar a bancada da Arena na Assembléia Legislativa, unindo-se aos deputados manobrados pelo ex-governador Abreu Sodré, tendo à frente o ex-chefe da Casa Civil, Arrobas Martins. Unidas, as duas pequenas bancadas poderiam imprimir seguidas derrotas à liderança do Governo, pois contariam com o "aprovo" de grande parcela de emedebistas, hoje mais do que nunca interessados numa reabilitação "oposicionista" no Palácio Nove de Julho.

Ao ex-governador Abreu Sodré, o jogo também poderia soar interessante: afinal, sua participação no Governo Paulo Egydio, depois da queda de Arrobas, tem se limitado a alguns postos de segundo escalão, entre estes a presidência do Ceagesp, entregue ao seu ex-chefe da Casa Civil, José Henrique Turner, e a apenas uma Secretaria de Estado – a da Educação, via Coutinho Nogueira. E o próprio Sodre, chega a admitir que disputará novamente o Palácio dos Bandeirantes, indagando, na intimidade: "Se todos estes podem se declarar candidatos, por que não eu???".

Contudo, há peças que não engrenam. O prefeito Olavo Setúbal, que ainda mantém na liderança o vereador laudista Brasil Vita, teria realmente interesse em "cristianizar" o ex-governador, deixando as articulações da Mesa da Câmara a cargo do secretário Rafael Baldacci? Se é sabido que Setúbal deu o seu "aprovo" à jogada política da Câmara, não seria de se prever que isso seria um pretexto à radicalização de posições dentro da Arena paulista? Se igualmente é constatável um distanciamento entre a dupla Setúbal/Lembo do vice-governador Maneco Ferreira Filho (visto como aspirante à sucessão de Paulo Egydio), por que se procura atribuir no episódio da Edilidade responsabilidade ao vice?

Ainda: a quem interessaria o surgimento de uma ação "anti-Laudo"? Óbvio, que ao próprio Laudo, que teria "razões" para acionar o seu esquema, "tomar de assalto" a Arena na Assembléia Legislativa e mostrar força política. A recíproca, porém, também seria verdadeira: a quem interessaria "forçar" uma união entre as áreas chamadas "egydistas", para enfrentar a dupla Laudo-Sodré?.

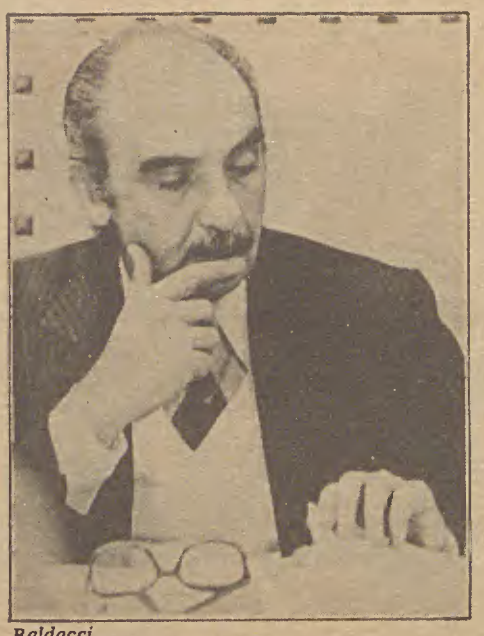
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

José Carlos Bittencourt **BASTIDORES – 2**

Baldacci tenta (sem êxito) desmentir apoio a Setúbal

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: apesar de desmentir, formalmente, a existência de ligações políticas mais profundas com o prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, o deputado federal Rafael Baldacci, secretário do Interior, estaria com seu esquema pronto para atuar na área municipal, de onde, aliás, ele é oriundo, pois foi chefe de Gabinete do brigadeiro Faria Lima. Nesse esquema, assumiria a maior importância a atuação do presidente de Cecap, Juvenal Juvêncio (ex-administrador regional de Faria Lima), que já estaria preparando bases limistas na periferia da Capital.

A indicação do vereador limista (ex-oficial de Gabinete de Faria Lima), Sampaio Dória, para a secretaria dos Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura, teria sido sugerida por Baldacci (embora ele negue de pés juntos), bem como a criação da Secretaria Municipal da Habitação, que seria ocupada por figura indicada também por Baldacci. Na mesma linha, a "distribuição" dos cargos da Arena na futura Mesa da Câmara paulistana, foi feita no gabinete de Baldacci, com participação plena do prefeito Setúbal (o que Baldacci também tenta negar).



Baldacci

Nessa "distribuição", onde coube a vice-presidência para Artur Alves Pinto e a segunda suplência para Aurelino de Andrade, o ex-governador Laudo Natel foi "exorcizado" por Baldacci, que deixou – literalmente – a ver navios os vereadores Celso Matsuda e Brasil Vita.

Setúbal

Todo esse esquema teria como objetivo final a candidatura de Olavo Setúbal para o Governo do Estado e a de Rafael Baldacci para a Prefeitura da Capital, estando ciente o Palácio do Planalto através do chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, ministro Golbery do Couto e Silva, com quem Baldacci mantém contato permanente. Oficialmente, o secretário do Interior afirma que apenas mantém bom relacionamento com o prefeito paulistano, limtando-se, em seus encontros, à anàlise da conjuntura política brasileira, sem descer a detalhes administrativos. A versão oficial é, porém, desmentida por políticos ligados à Prefeitura e ao próprio Baldacci, lembrando-se que talvez ele não tivesse interesse (imediato) em reconhecer tais ligações pois poderiam afetar futuras jogadas políticas.

O fato é que Baldacci continua sendo a mais controvertida figura política do Estado de São Paulo, atacado por forte parcela do MDB e pela maioria esmagadora das demais correntes arenistas que o vêem como uma ameaça às suas pretensões. Além disso, ao longo de sua trajetória política ele teria deixado inimigos irreconciliáveis, caso do ex-governador Laudo Natel, quando exerceu, oficialmente, as funções de "coordenador político". Embora haja explicações razoáveis para todos os episódios de rompimento, a verdade é que na prática a carreira de Baldacci revela um infernal "pula-pula" político, que sempre acaba desgastando-o junto a novas áreas.

ENTRELINHAENTRELINHAENTRELINHAENTRELINHAENTRELINHAENTRELINHAENTRELINHAENTRE

Entrelinha 1 – O subchefe da Casa Civil para os Assuntos da Grande São Paulo, Horácio Penteado, está reestruturando o setor, diga-se de passagem, muito bem amparado pelo governador Paulo Egydio Martins. Horácio, como se sabe, candidatou-se nas eleições de 76 à Câmara Municipal paulistana e, embora não tenha feito campanha (sofreu grave acidente automobilístico em julho) obteve a expressiva votação de 24.000 votos. Conferindo os mapas eleitorais, Horácio Penteado constatou que ele só não teve votos numa urna – a de Vila Curuçá – das 5 mil da Capital.

***Entrelinha 2** – Pesquisa de opinião pública feita ao final de 76 revelou que o secretário que atualmente desfruta de maior prestígio na população é José Bonifácio Coutinho Nogueira, da Educação. Vêm a seguir os secretários Antonio Erasmo Dias, da Segurança Pública, Thomaz Magalhães, dos Transportes e Walter Leser, da Saúde. Os chamados "secretários políticos" (Baldacci, Ruy Silva, Ademar Filho e Maluly Neto) estão por baixo – pelo menos em índice de popularidade na Grande São Paulo.*

Entrelinha 3 – **"Para enfrentar o MDB em eleições diretas, a Arena só tem o Laudo Natel; eu venho em segundo lugar". A frase – por mais incrível que possa parecer – é do secretário do Interior, Rafael Baldacci, apontado como "inimigo nº 1" do ex-governador Laudo Natel, de quem, aliás, foi coordenador político durante boa parte de seu Governo.**

Entrelinha 4 – Afrânio de Oliveira, presidente, e João Baldacci, diretor da Caixa Econômica Estadual, sorrindo de orelha a orelha: há poucos dias a CEESP bateu todos os seus recordes anteriores e fechou o ano de 76 com depósitos da ordem de 20 bilhões de cruzeiros, assumindo o terceiro lugar entre os estabelecimentos de crédito brasileiros, só superada pelo Banco do Brasil e pela Caixa Econômica Federal. Para se ter uma idéia dos valores que separam a Caixa Econômica Estadual de suas congêneres dos outros Estados, basta dizer que a Caixa de Santa Catarina fechou o ano com depósitos de cerca de 300 milhões de cruzeiros.

***Entrelinha 5** – Confirmado: o secretário da Administração, Ademar Filho, permanece no posto mesmo se houver reforma do Secretariado estadual em março. A não ser que até lá ele próprio mude de idéia...*

Entrelinha 6 – **Até agora consta que o Tribunal de Contas do Estado não recebeu a prestação de contas dos deputados emedebistas Vicente Botta, Fábio Porchat e Silveira Sampaio, referente ao dinheiro a eles destinado pela verba de representação do ex-presidente da Assembléia, Leonel Júlio. Caso eles não enviem ao TC suas contas, a responsabilidade cairá sobre Leonel.**

José Bonifácio

Entrelinha 7 – Apesar de estar fora do noticiário político e descansando em Ubatuba, o nome do ex-líder Alberto Goldman, do MDB, deve fazer parte de qualquer relação de deputados-candidatos à presidência da Assembléia.

***Entrelinha 8** – Aliás, depois de receber alguns telefonemas ameaçadores, a casa de Goldman em São Paulo passou a ser vigiada. Os telefonemas identificavam-se como sendo da AAB – Aliança Anticomunista Brasileira.*

Entrelinha 9 – **Um jornalista está pondo em polvorosa a sofisticada Praia de Pernambuco, em Guarujá: por puro "hobby", ele passou a fotografar, semanalmente, os frequentadores da Praia. Agora, dizem, está encarando a coisa pelo lado profissional e já estaria de posse dum poderoso arquivo fotográfico, reunindo as figuras políticas mais inesperadas numa mesma foto. Toda semana, um reduzido grupo de amigos do jornalista é convidado para uma "sessão" de slides em sua casa, ocasião em que – além de se dar boas gargalhadas – fica-se sabendo de muitas "transas" políticas... ou não.**

Entrelinha 10 – Em tempo: um conhecido ex-secretário do ex-governador Abreu Sodré seria uma das figuras obrigatórias das "sessões", estampado nos slides obtidos através de uma poderosíssima teleobjetiva.

***Entrelinha 11** – O prefeito de Serra Negra, Jesus Chedid, considerado o líder político de maior evidência no chamado "Circuito das Águas", está provando que a melhor propaganda é a eficiência administrativa. Depois de realizar um trabalho de infra-estrutura em sua cidade, ele agora vê Serra Negra transformar-se em palco duma novela de televisão – "Papai Coração", da TV Tupi, dirigida por Atílio Riccó.*

Entrelinha 12 – **O fato é que a indicação de Jesus para a Prefeitura de Serra Negra (estância hidro-mineral) foi terrivelmente combatida durante o Governo de Laudo Natel e a sua confirmação no posto, no Governo Paulo Egydio, foi criticada por antigas lideranças, que viam seus "domínios" serem ameaçados pelo jovem administrador. Entre outros argumentos incríveis, chegou-se a alegar, na época, que ele, Jesus, não poderia ser confirmado, por ser irmão do líder do Governo na Assembléia, deputado Nabi Abi Chedid. Mesmo enfrentando pressões, Paulo Egydio confirmou-o (depois teve de enfrentar o projeto do arenista Mantelli Neto, que propunha a extinção das estâncias, aprovado pela Assembléia, mas vetado – e o veto mantido no Palácio 9 de Julho), e pesquisas de opinião recentes realizadas em Serra Negra provaram que o governador estava com a razão: deu 97% de "ótimo" e "bom" para Jesus. Aliás, para quem não sabe: se as pesquisas não fossem favoráveis, Jesus entregaria a Prefeitura.**

Entrelinha 13 – Confirmado: o vereador Sampaio Dória, presidente da Câmara Municipal paulistana (e atualmente substituindo o prefeito Olavo Setúbal) assumirá em fevereiro a Secretaria dos Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura Paulistana. O atual titular, Teófilo Cavalcanti, sefa deslocado para a nova Secretaria de Administração. Mário Ossassa (Abastecimento) Armando Simões Neto (Turismo) já podem limpar suas gavetas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

BASTIDORES – 3

José Carlos Bittencourt

Chico Amaral diz "não" a Quércia e Montoro

Para anotar: o prefeito eleito de Campinas, deputado Chico Amaral, do MDB, decidiu "barrar" completamente o senador Orestes Quércia na sua futura administração municipal. Ou seja: Chico não admitirá representantes de Quércia nem mesmo no terceiro escalão administrativo e garante ter condições de formar o seu próprio time. Para "exorcizar" devidamente Orestes Quércia, Chico pretende afastar de seus cargos os funcionários que tenham oito anos de Prefeitura (isto é, vieram da gestão de Quércia e foram "herdados" pelo prefeito atual, Lauro Péricles). Vale acrescentar: o senador Franco Montoro também não terá vez na administração campineira, devendo limitar a sua influência direta a São Bernardo do Campo, onde foi eleito Tito Costa (suplente de Montoro no Senado).

Em Campinas, Chico atribui a vitória do MDB ao seu prestígio pessoal, lembrando que o senador Orestes Quércia que sempre o hostilizou (em 72 lançou em cima dele, Chico, o prefeito atual – que depois o traiu; em 74 lançou, também em cima de Chico, a candidatura de Otávio Cecato para a Câmara Federal, mas não conseguiu impedir que ele fosse o deputado federal mais votado do Estado e o segundo de todo o País). Quércia só aderiu à campanha de Chico Amaral depois de comprovar que o seu candidato, Natal Gale, não tinha nenhuma chance (isso ocorreu nos últimos 15 dias de campanha eleitoral).

Chico Amaral

Quércia

Montoro

Como AQUI já informou em números anteriores, é conveniente ficar de olho no novo prefeito de Campinas, que é do ramo, e vem cristalizando nas urnas uma liderança política desde 1962, quando se elegeu deputado estadual. Chico Amaral poderá ser a opção emedebista para os dois figurões do partido, os senadores Orestes Quércia e Franco Montoro. Quércia sofreu abalos sensíveis nas eleições municipais deste ano, provando que precisa de estrutura para funcionar; Montoro enroscou-se todo no episódio das calcinhas do ex-deputado Leonel Júlio, quando assumiu – publicamente – a defesa do ex-presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo, depois de ter um comportamento dúbio quando o **pirotécnico** deputado Osiro Silveira abriu o escândalo nº 1, denunciando o seu principal aliado no Palácio 9 de Julho, o 1º secretário Del Bosco Amaral.

Além disso, Montoro teria estranhos aliados empenhados em "valorizá-lo" diante de áreas federais, admitindo-se a possibilidade dos pleitos para governadores se realizarem via eleições indiretas. Isso explicaria os convites feitos por Tito Costa, prefeito eleito de São Bernardo, a "figuras estaduais" para integrarem o seu Secretariado caso específico do ex-prefeito paulistano Figueiredo Ferraz. Montoro pretenderia demonstrar, via Tito, que se sucedesse o governador Paulo Egydio Martins no Palácio dos Bandeirantes, o Sistema nada teria a temer – muito pelo contrário. No seu atual partido – o MDB – essas alianças teriam já produzido efeitos negativos.

PÍRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPIRULITOPI

Vicente Botta

● O vereador-padeiro Alfredo Martins será mesmo o novo líder da Arena na Câmara Municipal paulistana, apoiado pelo esquema limista. O atual líder do prefeito, Brasil Vita, antigo laudista, não deverá permanecer no posto e se for convidado para uma secretaria municipal será surpresa.

● *O ex-governador Laudo Natel está intensisificando suas viagens ao Interior paulista: quer influir na eleição dos novos diretórios municipais da Arena em todo o Estado, onde espera obter maioria. É possível, porém, que as eleições dos diretórios sejam alteradas (isto é, o seu processo), pois hoje o que se vê nos dois partidos é o domínio de oligarquias.*

● **O governador Paulo Egydio Martins deverá ir a Brasília ainda em janeiro, para uma audiência especial com o presidente Ernesto Geisel. Só a partir desse encontro é que o governador voltaria a falar (em profundidade) de política & reformas. Sabe-se mais: o governador pretenderia amiudar as suas viagens à Capital Federal, para estar mais próximo dos centros nacionais de decisão e também em busca de "oxigênio" político.**

● Confirmando as expectativas, o presidente da Camâra paulistana, Sampaio Dória, assumiu a Prefeitura sem alarde. Está consciente de que cumpre apenas um "mandato-tampão" e não pretenderia imitar os exemplos negativos de Brasil Vita (um festivo prefeito de quinze dias no Governo Laudo Natel) e de Vicente Botta, que assumiu a presidência da Assembléia Legislativa de São Paulo após a cassação de Leonel e se preocupou em "abusar das lantejoulas", isto é, visitar autoridades como "novo chefe - depoder".

● **Aliás, Dória amadureceu muito desde que foi eleito vereador pela primeira vez em 68. Recordava-se, dia desses, que o seu primeiro "pronunciamento" como vereador recém-eleito, foi patético: "Sou o vereador mais bonito da Câmara", foi a sua "jóia". Hoje, Dória é um político preocupado com a austeridade de seus pronunciamentos.**

● O deputado estadual Gustavo Korte Júnior, do MDB, está organizando uma sessão" de cinema em sua casa, quando pretende exibir os filmes de sua viagem da Alemanha à India de automóvel, acampando durante todo o trajeto, inclusive no Saara, ao lado de autênticos beduinos.

● *O deputado arenista Armando Pinheiro, do grupo de "Vanguarda", já desfila com pose de líder de bancada. Ele acha que agora o movimento "anti-Nabi" pode dar certo, embora o seu colega de partido e de grupo, Paulo Kobayashi (ligado a Arrobas Martins) classifique a ação de "anti-Paulo Egydio".*

● **Armando, porém, prefere navegar entre Arrobas e o Palácio, e não dispensou, no fim do ano, o seu abraço ao governador, na cerimônia do "beija-mão". Além disso, Armando Pinheiro seria hoje o parlamentar de maior influência na Secretaria da Educação, cujo titular – como ele é um antigo carvalhista: José Bonifácio Coutinho Nogueira.**

● Na Câmara paulistana, duas "traições" à vista: o vereador Artur Alves Pinto, rompido há tempos com o ex-governador Laudo Natel, ameaça deixar o deputado estadual José Maria Marin, seu principal cabo eleitoral, falando sozinho; o vereador Aurelino de Andrade, teria trocado sua fidelidade ao secretário da Administração, Ademar Filho, por um cargo na Mesa. Agente estimulador das "traições": o infernal Rafael Baldacci.

● *Dia desses, numa repartição pública, uma pessoa procura um alto funcionário. Recebe uma resposta lacônica da secretária: "Fulano não está, viajou com o governador Laudo Natel". Era verdade.*

● **Espera-se para breve novas aposentadorias no Tribunal de Contas do Estado. Traduzindo: na Assembléia Legislativa, o líder do Governo, deputado Nabi Chedid, prepara seu estoque de analgésicos, pois terá inevitavelmente – muitas dores de cabeça sejam quais forem os nomes indicados pelo governador para o TC. Pelo menos, é o que promete o MDB.**

● A propósito: vários deputados emedebistas prometem que este ano não "darão folga" ao governador Paulo Egydio na Assembléia Legislativa. Acham que a bancada está com péssimo conceito na opinião pública, pois no ano passado, todos os projetos enviados pelo Palácio foram aprovados. Mais: os que não foram aprovados, não tinham a menor importância, mas visavam dar campo de manobra ao líder Nabi que, segundo um antigo jornalista político, "dá nó em fumaça".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

José Carlos Bittencourt **BASTIDORES – 4**

Delfim: um "beija-mão" de futuro governador

O ex-ministro Delfim Neto já está sendo saudado como futuro governador de São Paulo na sucessão do governador Paulo Egydio Martins, depois de ter readmitido sua candidatura à saida de sua entrevista com o presidente Geisel, no Palácio do Planalto. No fim de ano, a sua residência em São Paulo recebeu inúmeros visitantes das mais diversas áreas políticas e empresariais, já empenhados, no "beija-mão" do supostamente novo ocupante do Palácio dos Bandeirantes a partir de 15 de março de 1979.

O fato é que a sucessão paulista não está definida (seria absurdo pretender-se isso com dois anos de antecedência), mas Delfim tem esse poder "mágico": na sucessão do ex-governador Laudo Natel ele era apontado como "futuro governador" mesmo se sabendo que o conjunto de fatores acionado na área federal tendia em direção a Paulo Egydio Martins. Mas os "delfinistas" não são pessoas fáceis de se convencer: eles preferem analisar a sucessão paulista sob duas óticas principais:

1. Se Delfim saiu do encontro com Geisel e definiu-se aspirante ao Governo de São Paulo, ele teria recebido "estímulos" no Palácio do Planalto. O próprio presidente, lebram eles, ao comentar a candidatura de Delfim no encontro de fim de ano com os jornalistas de Brasília, reconheceu que Delfim apresentava uma larga folha de serviços prestados ao País;

Delfim Neto

2. O atual embaixador brasileiro em Paris teria sido superado pelos acontecimentos em 1974, já que o general Ernesto Geisel e o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, haviam se empenhado na eleição de Paulo Egydio em 1966, quando Sodré acabou sendo o escolhido numa manobra articulada pelo então presidente da Arena paulista, Arnaldo Cerdeira. Como em 74 havia condições de se indicar Paulo Egydio, Delfim teria sido preterido, mas "com vez reservada".

Tudo isso pode não passar de simples exercício de imaginação, mas em Delfim tem que se reconhecer uma incrível capacidade de articulação, aliada ao fato de que durante oito anos ele "reinou" no Ministério da Fazenda, dando os rumos do "milagre" brasileiro que – hoje – ele procura desmentir.

De qualquer forma, porém, a colocação de sua candidatura, pela segunda vez, não deixou de ser surpreendente, pois, no mínimo, ele teria sido extremamente audacioso. Admite-se até mesmo que Delfim estaria jogando toda a sua cartada com muita antecedência para ser ver liberado de apoiar este ou aquele nome na sucessão presidencial. Da maneira como ele colocou sua candiatura, ele estaria nada mais do que se auto-preservando. Ou seja: estaria fora de futuros embates, que poderiam "queimar" pretensões ao Palácio dos Bandeirantes ou mesmo a postos da área federal, no estilo do Ministério da Fazenda.

Quanto às suas alianças estaduais, admite-se também que estando em jogo o Poder, o que vale á saber jogar – a ética serviria apenas aos políticos.

Saturnino

Também rigorosa e absolutamente verdadeiro: o pronunciamento feito pelo senador Roberto Saturnino, do MDB do Rio de Janeiro, propondo, em entrevista ao **Estadão**, *a troca de posições entre Arena e MDB (o MDB passaria a apoiar o Governo e a Arena à Oposição) pois os dois partidos são oriundos da Revolução, deixou os dirigentes emedebistas em polvorosa. Reconhecendo-se a inviabilidade da tese apresentada por Saturnino como opção para o impasse político que se teme ocorra em 78 (quando a Oposição poderia eleger a maioria dos representantes no Congresso Nacional – no Senado a vitória parece certa e na Câmara dos Deputados mais duvidosa), dirigentes do MDB ganharam uma pedra no sapato: agora cabe a eles a tarefa de "explicar" as declarações de Roberto Saturnino, considerado a melhor das novas expressões do partido da Oposição – e mesmo da área civil. O líder do MDB no Senado, Franco Montoro, que já há algum tempo surge, inevitavelmente, como defensor de versões contraditórias sobre os mais variados episódios políticos, "garante" que Roberto Saturnino não falou em união nacional, nem em adesão, nem em coalização, mas que o MDB, pelas urnas, deve passar a ser Governo e a Arena, pela mesma via, a fazer oposição.*

Confidência: o embaixador Delfim Netto revela que ficou pessimamente impressionado com a absoluta falta de informações da classe dirigente paulista em relação ao que está acontecendo no País e no mundo. A desginação de "classe dirigente" utilizada por Delfim inclui setores políticos e empresariais.

Registro: O ex-governador Laudo Natel vai a Brasília até o fim de janeiro, para contatar áreas federais. Em pauta, possíveis encontros com o presidente Geisel e com o general João Baptista Figueiredo. ● Na reabertura dos trabalhos da Assembelia de São Paulo, em 1º de março, vários deputados do MDB prometem ir à tribuna para pedir a extinção de várias Secretarias de Estado, entre elas, Trabalho e Turismo, consideradas "desnecessárias". ● O prefeito Olavo Setúbal deve regressar de sua viagem aos EUA (onde sua esposa se submete a exames médicos) no dia 21. ● As denúncias feitas pelo **Jornal do Brasil**, do Rio, sobre a "mordomia" do secretário do Interior, Rafael Baldacci (pagamento de banquete de duas mil pessoas por uma autarquia, a Sudelpa) seriam apenas as primeiras de uma série sobre a qual se estaria trabalhando em São Paulo. ● Consta, ainda que o **Estadão** estaria coletando dados sobre a "mordomia" das financeiras. ● Outras "mordomias", as das multinacionais, poderão ser levantadas na Assembléia de São Paulo em março, por um deputado da Arena. As multi-japonesas estariam incluídas. ● O MDB deverá intensificar em março, no Congresso Nacional, a "cobrança" do cumprimento do calendário eleitoral. ● A partir de março o Governo Federal poderá ceder espaços (gratuitos) nas emissoras de tevê para divulgação de obras dos Governos estaduais.

Para anotar: o deputado estadual Renato Cordeiro, da Arena, ao ser informado que estava sendo elaborada uma relação dos parlamentares que se mantém fiéis ao esquema político comandado pelo ex-governador Laudo Natel, pediu que seu nome fosse imediatamente retirado da lista. Diz Renato Cordeiro, que Laudo impediu que ele fosse presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo, no biênio 1973/75, e a partir dai praticamente rompeu com o ex-governador. Naquela ocasião, Laudo teria alegado a Renato Cordeiro que a pedido do então presidente nacional da Arena, Filinto Muller (falecido no desastre aéreo de Orly), era obrigado a dar a presidência a Salvador Julianelli, que trocava de posição com o deputado Jacob Pedro Carollo. Na realidade, Laudo Natel hoje contaria na Assembléia com apenas quatro votos "firmes": Agnaldo de Carvalho, Ademar de Barros, Abrahim Dábus e Eduardo Coutinho.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ECONOMIA

O bom para uns pode ser mau para outros

Mário Simonsen

Para o ministro Mario Henrique Simonsen 1977 não será um mau ano. Poderá até ser bom. É o que deixa entrever em um balanço da economia em 76, com alguns prognósticos para o novo ano. Vale, entretanto, uma ressalva: o titular da pasta da Fazenda é um péssimo apostador: sempre perde. Suas duas apostas do ano passado evidenciaram-se furadas.

Primeira: assegurou que o déficit comercial não passaria de 800 milhões de dólares. Depois ampliou a margem para um bilhão e duzentos bilhões. O resultado final, em torno de 2,5 bilhões de dólares mostra a dimensão do erro do apostador.

Sua segunda aposta foi ainda mais decisiva: quem apostar na inflação sairá perdendo. Quem acompanhou a opinião do ministro, não apostando na inflação, saiu perdendo Em outras palavras, errou nos cálculos quem seguiu o apostador, afastando-se — o que para muitos foi um desastre — da realidade brasileira, representada por uma inflação de 46%, pelo menos 50% acima da prevista pela Fazenda.

O preço a ser pago para a redução da taxa de inflação e do déficit do balanço de pagamentos não está sendo muito bem aceito: Para os empresários em geral é alto demais, considerando-se os resultados a serem alcançados. Em relação ao povo a receptividade é ainda menor. E esse fato exprime-se, sem lugar a dúvidas, pelo mais elevado índice de pessimismo demonstrado por pesquisa realizada pelo Instituto Gallup no fim de 76: para um otimismo de 31% em São Paulo o índice de pessimismo é de 42%. Maior índice de pessimismo em São Paulo do que no Rio onde a relação foi de 35% para 36%.

Naturalmente essa reação popular resulta fundamentalmente do aumento do custo de vida em geral, não limitado apenas ao preço dos alimentos. E está sendo atribuída às más safras agrícolas, principalmente às de café e feijão, acentuada responsabilidade pelo comportamento da inflação no ano passado. Em relação ao café, apesar do excessivo aumento interno, não pode ser esquecido o fato de que voltou a liderar o ingresso de divisas: mais de dois bilhões de dólares em 76, exatamente pela quebra da safra, não apenas a brasileira pela geada de 75, mas a de todos os países produtores, preponderantemente os africanos.

Mesmo com resultados negativos, sempre alguma coisa escapa, evidenciando-se positiva em seus resultados. Foi o crescimento do produto bruto, acima do que desejava o governo, já que em sua redução apóia-se a atual política econômica. Mas se as exportações cresceram em dólares, em grande parte pelas excelentes cotações do café e da própria soja, as importações mantiveram-se altas, superando ligeiramente o nível de 75, ao mesmo tempo em que crescia o déficit da balança de serviços por força de juros e amortização da dívida externa.

Evidentemente, é justa a afirmação do ministro de que "não estamos à beira do cáos" — antigamente a expressão seria abismo — mas daí não se pode chegar à conclusão de que o Brasil terá um bom ano em 77, embora isso fosse o desejável para o país e para o povo.

TRANSASTRANSASTRANSASTRANSASTRANSASTRANSASTRANSASTRANS

Ministro Ueki

Os dez anos do INPS estão sendo muito festejados publicitariamente. Filmes bombásticos na televisão de todo o Brasil. mostram um atendimento e uma confiança dos segurados não observada na prática. A comemoração está sendo realizada enquanto continuam as mesmas filas e a mesma imagem desgastada de sempre. A culpa não cabe, naturalmente, aos segurados. Antes deve ser procurada na excessiva burocracia que funciona num orgão que, por sua natureza, deveria dedicar-se a um atendimento rápido, eficiente, sem qualquer entrave.

• • •

A indústria eletrônica, que registrou uma expansão de 20% em 76, começou, a partir de outubro, como decorrência das restrições oficiais, a assinalar evidente redução de vendas. Em face disso, segundo o presidente da Abinee, Manoel da Costa Santos, "a diminuição do movimento comercial no país, está obrigando as empresas industriais à reformulação de seus programas para 1977, já que não vai ser possível a manutenção dos níveis de atividade do ano passado.

• • •

O segundo semestre de 76 assinalou o início da retração de atividades do setor de máquinas e equipamentos e ainda do de bens de capital, embora os mesmos tenham assinalado crescimento de 17% e 18% respectivamente. A Abimaq teme que o decréscimo de pedidos em carteiras venha a trazer problemas pelo menos para este primeiro semestre de 77.

• • •

Teremos menos 20% tratores em 77, como resultado do corte na produção industrial desse setor. Em vista disso não será atingida a meta que, para este ano, deveria ser de 81 mil unidades.

• • •

O grupo Rotschild (francês) está ultimando a instalação de um escritório de investimentos no Brasil. A localização será no Rio.

A escassez de fetilizantes em 77 poderá ter consequências sérias em relação à produtividade agrícola. O governo retirou os subsídios à importação como forma de economizar divisas. Acontece que essa decisão foi tomada com base na expansão da produção nacional que, segundo a ANDA, este ano será 2% inferior à verificada em 76.

• • •

Não são favoráveis as perspectivas para 77 em matéria de importação de petróleo — a menos que o governo chegue ao racionamento o que não deseja o ministro Sigeaki Ueki. Admite-se uma expansão de 5% no consumo o que representará uma saída de 3,8 bilhões de dólares, aos preços atuais. Essa cifra poderá subir no caso de novos reajustamentos determinados pela OPEP, já em julho próximo.

• • •

Quanto à produção nacional uma notícia negativa: as previsões de funcionamento dos poços de Garoupa falharam. Teremos um adiamento, o que poderá significar nova queda da produção da Petrobrás este ano, o que equivaleria à terceira consecutiva.

• • •

O recorde de 11% ao mês (juros no Open) foi batido no fim do ano passado. A nova marca, assinalada no Rio, alcançou a 15% ao mês.

• • •

O BAFA (Banque d'Affaires Franco-Arabe S.A.) de Paris vai participar da "holding" nacional Selecta que ampliará seu capital de 100 paa 180 milhões de cruzeiros. O grupo Selecta é constituido por seis empresas.

Novo horário de trabalho, uma mudança difícil

Os empregos poderão ter novo horário como forma de economizar combustível, reduzindo-se dessa forma o congestionamento nas horas de "rush". Não há novidade na idéia, já ventilada numerosas vezes em oportunidades anteriores. Só que não se tratava então de economia de gasolina mas de permitir que o tráfego fluisse mais rapidamente, tornando menos pesada a ida para o emprego e a volta para casa.

Mas em todas as oportunidades houve malogro final do plano. As discussões se desdobraram em novas discussões, novas idéias surgiram e cada vez ficou mais afastada a solução do problema. Agora, com a necessidade de economizar gasolina, volta à baila o assunto, para as grandes cidades, que são São Paulo e Rio. Mas na opinião de todos o problema vai continuar insolúvel. Acresce que a economia de gasolina possibilitada pelo remanejamento dos horários seria insignificante, não chegando a contribuir de forma destacada para a economia de combustível e respectivamente de dólares.

A diversificação do horário de trabalho é uma experiência bem sucedida em diferentes cidades no exterior. Exatamente porque a solução nasceu lentamente, não por um decreto tentando acabar, de uma só vez, com uma balbúrdia que se agravou, com a passagem dos anos, e acabou até fazendo parte do comportamento agressivo das grandes cidades.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Para a Dersa, estrada é uma via muito importante, por onde as pessoas se dirigem de uma cidade à outra com segurança.

É assim que a Dersa vê o programa de humanização dos seus sistemas rodoviários: desenvolver é humanizar.

E humanizar é, por exemplo, dotar os sistemas rodoviários de conforto e segurança, como: ambulâncias com atendentes de primeiros-socorros, rede hospitalar de retaguarda, carros-guincho, socorro mecânico, viaturas para a Polícia Rodoviária, fiscalização de pistas, centro de controle operacional acionando todos os serviços de auxílio ao usuário e fones de emergência (S.O.S.).

É equipar os sistemas rodoviários de eficiente sinalização horizontal e vertical, defensas metálicas, lâminas antiofuscamento, balizamento de pista, construção de passarelas em pontos estratégicos e preservação do meio-ambiente através de obras de contenção e paisagismo.

Enfim um número muito grande de serviços implantados, modernizando e humanizando os seus sistemas rodoviários.

Dersa é desenvolvimento rodoviário.

DERSA
Desenvolvimento Rodoviário S.A.

Governo do Estado de São Paulo
Desenvolvimento para Todos

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PESQUISA AQUI GALLUP

É O GALLUP QUE DIZ: OS TRÊS MAIORES PROBLEMAS DE SÃO PAULO SÃO SETE

E ainda há quase 10% de felizardos para os quais São Paulo não tem nenhum problema.

EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DA CIDADE - SÃO PAULO

	1975				1976			
	FEV.	ABR.	JUN.	OUT.	FEV.	MAI.	AGO.	NOV.
	%	%	%	%	%	%	%	%
1. Água e Esgotos	32	28	21	23	23	16	18	24
2. Transportes Coletivos	19	23	21	22	23	23	24	23
3. Custo de Vida	12	17	17	22	15	5	21	22
4. Poluição	13	26	46	46	28	27	41	22
5. Pavimentação de Ruas	28	21	18	18	16	23	17	20
6. Trânsito	33	37	35	33	28	39	27	18
7. Iluminação Pública	10	10	6	5	6	7	10	8
8. Segurança	8	19	14	14	11	14	8	7
9. Educação	14	7	6	6	5	3	8	7
10. Limpeza Pública	8	8	7	7	6	8	5	5
11. Assistência Social	13	12	10	11	5	6	7	4
12. Enchentes	-	-	-	1	19	7	6	4
13. Saúde	9	7	7	6	5	3	5	3
14. Habitação	3	5	4	5	3	3	5	3
15. Lazer	2	1	1	4	2	2	3	3
16. Áreas Verdes	-	-	-	2	2	3	2	3
17. Abastecimento	1	2	3	-	1	1	4	2
18. Tensão Urbana	4	5	5	2	3	6	2	1
19. Mercado de Trabalho	1	3	2	2	1	1	2	1
20. Delinquência	1	3	-	-	1	-	-	1
Outros problemas	23	11	5	12	6	6	11	11
São Paulo não tem problemas	2	4	7	3	2	5	2	6
Não responderam	7	2	4	3	10	6	5	9
TOTAIS	243	251	239	247	221	214	233	207

Todos os problemas são importantes

Desde 1975, o INSTITUTO GALLUP DE OPINIÃO PÚBLICA vem realizando, trimestralmente, Pesquisas sobre os principais problemas da cidade de São Paulo. Uma das perguntas que vem sendo feita em todas estas Pesquisas refere-se aos principais problemas da Cidade: os paulistanos são solicitados a apontar os 3 principais problemas de São Paulo que gostariam que fossem solucionados com maior urgência.

Estas Pesquisas têm mostrado que nestes últimos 2 anos São Paulo tem tido 7 problemas que a população considera de maior gravidade: poluição do ar, falta de água e esgotos, trânsito desordenado, falta de transportes coletivos, falta de pavimentação de ruas, o custo de vida e as enchentes.

A poluição do ar tem sido um problema que se torna mais agudo no meio do ano (entre junho e agosto), perdendo um pouco sua importância no período do verão. Inversamente, as enchentes tendem a ser mais mencionadas entre novembro e março, período característico de mais chuvas.

A falta de transportes coletivos é um problema que tem se mantido estável ao longo destes 2 anos, o mesmo acontecendo com a falta de água e esgotos e a falta de pavimentação de ruas.

As dificuldades do trânsito, em São Paulo, têm decrescido nos últimos meses, fato este que vem ocorrendo também com vários outros problemas que costumam ser citados por menor número de pessoas. É o caso de segurança, assistência social, limpeza pública e saúde.

Poucos são os paulistanos que acham São Paulo uma cidade que não tem problemas: de 2% a 7%. Muitos problemas são mencionados com menor frequência pelos entrevistados. Isto não indicaria que sua importância em si seja menor e sim que preocupam menor número de pessoas ou são menos mencionados nos jornais e nos debates públicos. Em si, todos os problemas espontaneamente mencionados devem ser considerados importantes.

Uma pesquisa para o sr. Setúbal meditar

Em matéria de problemas, S. Paulo é uma cidade que não se pode queixar. E tanto isso é verdade que o todo poderoso e infalível Gallup (pesquisas de opinião pública) conclui, com muito bom humor, que os três maiores problemas de S. Paulo são sete. É claro que isto é apenas uma "blague", pois o que o Gallup quer dizer é que a fluidez dos problemas que afligem o paulistano torna muito difícil fixar ordenadamente aqueles que ele deseja ver solucionados com a maior urgência. Assim, no verão, os problemas mais angustiantes não se parecem muito com os que surgem no inverno. Mas há alguns crônicos, cuja solução já deixou de ser uma reivindicação para transformar-se numa angustiante aspiração coletiva.

A pesquisa que publicamos nestas páginas, com uma interpretação redigida especialmente para o "AQUI - SÃO PAULO" pelo Instituto Gallup, menciona a evolução entre começos de 75 e fins de 76 de 20 dos mais constantes problemas que afligem a nossa população. O quadro anexo dá um perfeito espelho das aflições que marcam o dia a dia de todos os paulistanos, exceto uma minoria de 2% a 7% que afirmam que S. Paulo não tem problemas. Não fosse a seriedade e credibilidade das pesquisas que são realizadas pelo Gallup, e caberia a pergunta muito justificada — onde foi o Gallup descobrir este 7%, em que mundo vivem, como se vestem, comem, estudam, dançam, fazem amor, cuidam de saúde, torcem pelo Corintians, etc. etc... Em todo caso essa seria uma pesquisa válida e exclusiva: descobrir a fórmula de vida que levou esses 7% a responderem que São Paulo não possui problemas. Será que o sr. Olavo Setúbal ou o seu todo poderoso conglomerado Itaú não estariam prontos a subvencionar uma pesquisa como essa?

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PROEME

Auxiliar[1] (ss). [Do lat. *auxiliare*.] *Adj. 2 g.* **1.** Que auxilia; auxiliador, auxiliário. ~ V. *impulsor* — e *verbo* —. ● *S. 2 g.* **2.** Aquele que auxilia; auxiliador, assistente, ajudante.

Auxiliar[2] (ss). [Do lat. *auxiliare*.] *V. t. d.* **1.** Prestar auxílio a; socorrer, ajudar. *P.* **2.** Prestar auxílio mútuo. [Pres. ind.: *auxilio*, etc. Cf. *auxílio*.]

Reproduzido do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Esse também é o nome de um dos grupos financeiros

mais sólidos e completos do país: Grupo Financeiro Auxiliar.

Contando com 6 empresas atuando no mercado financeiro,

o Grupo Auxiliar tem condições de dar a você toda a assessoria

necessária para a realização de bons negócios.

Tudo o que você espera de um grupo sólido você encontra no Auxiliar:

o Grupo Financeiro que há quase 50 anos vem pondo em

prática o nome que tem.

Banco Auxiliar de São Paulo S.A.

Banco Auxiliar de Investimentos S.A.

Auxilium S.A. Financiamento, Crédito e Investimento

Corretora Auxiliar S.A. Câmbio e Títulos Mobiliários

Distribuidora Auxiliar de Títulos e Valores Mobiliários S.A.

Auxiliar Corretora de Seguros S.A.

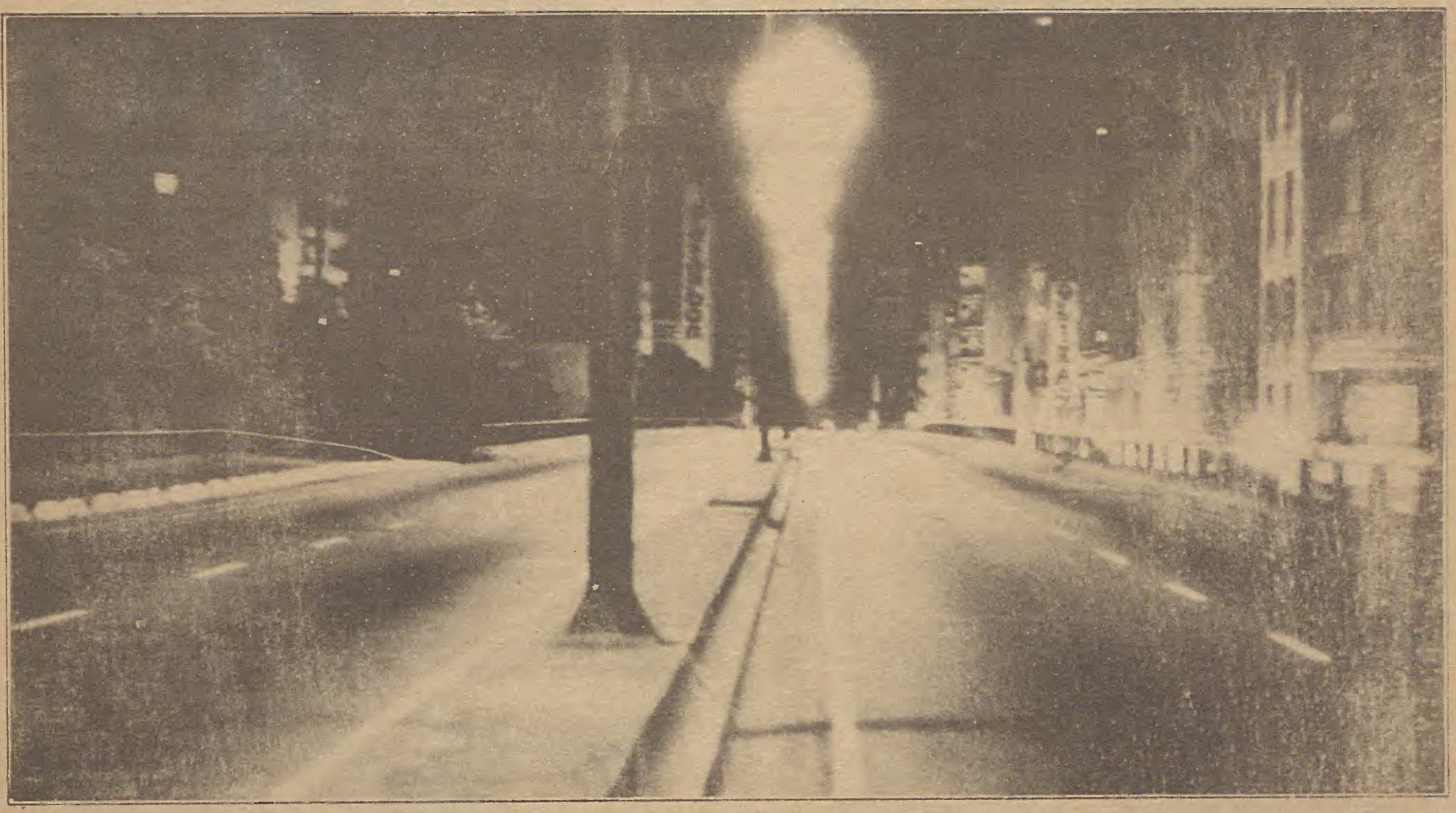
GRUPO FINANCEIRO AUXILIAR

AUXILIUM AD INCREMENTUM

Mais que um nome, uma filosofia.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Um monumento à inépcia!



No dia 14 de dezembro de 1970, a arquiteta Lina Bo Bardi declarava ao Jornal da Tarde: *Todos os viadutos que o prefeito está construindo são absurdos. E, como o "Minhocão" é o maior desses viadutos, é também o mais absurdo.*

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Minhocão

O maior dos absurdos da gestão Paulo Maluf

Há 6 anos atras era inaugurado o elevado Costa e Silva, logo apelidado de "Minhocão". Esta semana a Prefeitura resolveu interditar o tráfego de veículos entre a meia noite e 5 horas da manhã.

O senhor Paulo Salim Maluf é um dos mais prósperos empresários do país. Como prefeito de São Paulo, impôs sua vontade contra a opinião de arquitetos, urbanistas, engenheiros e até psicólogos, que consideravam o Minhocão um projeto inteiramente contrário aos interesses da população. Mas o senhor Maluf insistiu, gastou mais de 45 milhões de cruzeiros naquela que seria "a maior obra da sua administração". Hoje, melancolicamente, vê a própria prefeitura eliminar 1/4 da utilização do Minhocão, o que por certo é o começo de uma série de medidas. Pois o senhor Maluf, como empresário, jamais permitiria que se construisse as suas custas um prédio residencial, ou uma fábrica de madeira compensada, que em menos de 5 anos só poderia ser utilizada em menos de 3/4 da sua capacidade!

Quem pagará os prejuízos? O senhor Maluf?

Mais uma vez a população paulistana assumirá todos as despesas...

De qualquer forma, se o Minhocão não tiver maior utilidade, pelos menos uma lhe sobrará: o de monumento da inépcia e improvisação administrativa.

Sérgio Pinto de Almeida visitou "a vizinhança" do Minhocão". Seu relato:

"6 anos depois de inaugurado, o Minhocão volta a dar sinais de inutilidade. Mas agora os 45 milhões já foram gastos, e fechá-lo durante a madrugada é muito cômodo.

Construído para ser uma das soluções para o trânsito, o Minhocão desde o início foi combatido por técnicos que achavam que o elevado não resolveria o problema, mas o então prefeito Paulo Maluf acabou vencendo todo tipo de oposição e o Minhocão acabou se tornando um símbolo do seu governo.

Com a sua construção foram surgindo vários hábitos entre os moradores dos edifícios localizados ao longo dos seus 3.400 metros. Nos prédios, ouve-se televisão ligada num volme altíssimo, e as pessoas conversam quase gritando. Mas já se acostumaram, e não notam qualquer diferença.

Dona Ivone mora há 1 ano no 2º andar do Edifício Piqueri. Sua janela fica há 5 metros do Minhocão, mas como todos os moradores ela já não se empressiona com o barulho, a sujeira e os sustos constantes com as brecadas à sua janela.

— A gente tá pensando em mudar de apartamento. Eu vou ter meu primeiro filho no mes que vem, mas não sei se vai dar pra sair daqui.

Dona Ivone paga Cr$ 1.100,00 de aluguel pelo apartamento, enquanto suas vizinhas dos outros andares pagam Cr$ 1.800,00.

— Eu e meu marido dormimos bem, já acostumamos. mas com um nenê vai ficar difícil...

Algumas crianças costumam ficar na janela olhando o Minhocão e contando quantos carros passam. É claro que chega um instante em que a brincadeira enjoa, e então tenta-se inventar outra. O filho da vizinha de Dona Ivone já acertou um carro com uma laranja.

Vários são os prédios com apartamentos vazios, e já se soube de casos de pessoas com sérios disturbios nervosos.

— O barulho da São João, somado com o do Minhocão deixa todo mundo louco. Ninguém aguenta muito tempo.

Seu Pedro está muito nervoso. Ele morou durante um mês num prédio na Amaral Gurgel e não aguentou. Não conseguia dormir. Depois que mudou, soube que a prefeitura iria fechr o Minhocão durante a madrugada.

— A Prefeitura tinha é que derrubar esse espantalho. Não é só Seu Pedro que pensa em derrubar o Minhocão. Vários engenheiros arquitetos, e até artistas, combatem o Minhocão. Além de ter sido feito de maneira apressada, sem se pensar no futuro da cidade, ele veio prejudicar diretamente os planos da Companhia do Metrô, que antes mesmo de sua construção já alertava para este fato. Alguns técnicos especializados em sistemas viários, apontam o erro principal do elevado: seu alto custo, e sua solução provisória, já que daqui há alguns anos o Minhocão mostrará que sua única vantagem foi ter trocado o congestionamento de lugar.

A prefeitura também reconheceu o erro na construção, resolvendo fechá-lo durante a madrugada. O trânsito não será prejudicado, já que o tempo que um veículo leva do início do Minhocão até o seu final, pela Av. São João, será um pouco maior apenas pelas esperas nos faróis.

Mas os moradores, depois de tantos anos de sofrimento contínuo como estão recebendo a notícia do fechamento do Minhocão à noite? O guarda noturno do edifício Piqueri sorri:

— É até engraçado, de noite dava na mesma. Eram poucos carros que passavam...

Dona Ivone já acha o contrário. Por causa do "silêncio" da noite, de madrugada era maior o barulho no Minhocão.

— Mas não tinha mais problema. Todo mundo já estava acostumado.

Muita gente que não sabia da notícia, ficou espantado quando o Minhocão ficou todo vazio. Alberto, um rapaz que trabalha num supermercado em baixo do elevado, e mora no 3º andar do edifício, Piquerí, da risada e comenta:

— Sabe de uma coisa? É capaz de a gente até ficar com saudade. Noite de calor a gente abria a janela e ficava olhando o movimento. Agora sem trânsito, o que a gente vai ver?"

Marlene França contra o homem das mil mulheres

"Está na hora de acabar com esses abusos"

Ultimamente, tem havido muita briga entre empresários e artistas. Os escritores ganharam uma ação contra a Editora Bloch, que tinha publicado alguns textos sem autorização prévia e sem indenização). João Antonio, autor de "Malagueta, Perus e Bacanaços", está processando o direitor Maurice Capovilla, que está filmando a história. E agora Marlene França, que já tinha ganho uma causa contra David Cardoso, no valor de Cr$ 50 mil, está querendo que ele pague Cr$ 1 milhão por ter distribuido uma circular difamante entre os produtores. "O essencial é acabar esses abusos", diz Marlene, que promete ir até ao fim nesta sua cruzada contra os produtos antiprofissionais.

A fórmula que David Cardoso usa em todos os seus filmes parece que voltou-se contra ele, pois os ingredientes são os mesmos: dinheiro, intriga e mulher bonita. A mulher, no caso, é Marlene França, que depois de fazer cinco filmes profuzidos por David, resolveu engrossar quando viu uma foto sua na capa do lp **Caçada ao Sucesso,** uma seleção de músicas do filme **Caçada Sangrenta.** No começo de 1975, ela processou a gravadora Discofan, produtora do disco, exigindo Cr$ 50 mil de indenização por uso indevido de sua imagem. Ela ganhou a causa no fim do ano passado, mas enquanto corria o processo, David Cardoso tentou boicotar seu trabalho junto aos outros produtores. Resultado: agora Marlene quer Cr$ 1 milhão por danos morais e prejuízos profissionais.

A posição de David Cardoso, atualmente, é muito cômoda. Seus filmes chegam a faturar Cr$ 6 milhões líquidos e isso despertou o interesse de alguns industriais ligados a outros setores, como foi o caso de Guilherme Mellão e José Ermírio de Morais Filho, ex-presidente da Federação Paulista de Futebol, que se associaram a David.

Apesar da importância que assumiu, David Cardoso não consegue disfarçar o jeito de garotão que enriqueceu de repente. A parede rosa do seu escritório está coberto de cartazes, fotos dos 36 filmes que participou. A foto de maior destaque e que talvez lhe dê inspiração a de Marlon Brando como Don Corleone, ocupando o privilegiado lugar sobre a sua cabeça. David faz questão de mostrar a sua honestidade e correção profissinal, mas quando se entusiasma deixa escapar algumas coisas.

— A Marlene nem ia participar do filme. O Candeias até me falou que eu não devia pagar nem mil cruzeiros de cachê, porque ela não valia tudo isso. Mas eu dei força, acho a Marlene uma ótima profissional. Agora, olha só o que acontece. Se eu tiver que pagar um milhão, vou à falência.

O telefone interrompe suas explicações. É uma atriz, que se oferece para sair com ele praconversar. David diz que não pode, pois vai almoçar com o filho. Logo em seguida, dá uma bronca com o secretário, que lhe passou a ligação. Estava muito ocupado, não tinha tempo para mulheres.

— Mas eu pedi a autorização pra Marlene. Falei pelo telefone com ela, que me perguntou quanto a gente ia ganhar. Eu disse que era só a promoção e ela topou. A foto nem é minha, é da Manchete, que cedeu para a Discofan. Eu só autorizei a reprodução e nem pensei que Marlene fosse fazer isso comigo.

Ele se acha injustiçado. Justo agora que começa um novo filme, **19 mulheres e um homem,** onde ele é o produtor, o diretor e único ator (o homem do filme) isso vai custar Cr$ 2 milhões! Ele tem medo que a ação lhe prejudique sua expansão empresarial: atualmente, seu espetáculo "Os Homens", no teatro Oficina, repete sua posição no cinema, que é sucesso de público e fracasso de crítica. Essa nova fonte de lucros também deu certo e ele já esta se preparando para comprar os direitos de uma nova peça para montar depois que o filme esteja terminado.

Para quem controla até o cafézinho dos seus empregados, um prejuizo de um milhão é um desastre.

— Veja você. Eu passei o reveillon de 74 para 75 na casa da Marlene. Lá o marido dela me falou para esquecer tudo, que o processo não ia adiante. Fui viajar sossegado e quando voltei, encontrei a bomba. Não posso falar mais nada, meu advogado não quer que eu fale. Mas juro que não difamei a Marlene. A circular só avisa aos produtores que cuidem para que essas coisas não aconteçam quando forem contratar Marlene.

A circular termina nesses termos: "Acha-se a Dacar (empresa de David), dessa maneira, no dever e obrigação de alertar os colegas produtores, diretores e quaisquer pessoas que tenham relação com os meios artísticos e que, de uma forma ou de outra, venha a necessitar dos trabalhos profissionais da atriz Marlene França, para que se precavenham contra situações dessa natureza". Primo Carbonari, presidente da Associação dos Produtores, distribuiu a circular para a classe.

Paulo Rangel do Nascimento, advogado de David, acha que poderá entrar com um processo contra Marlene França por perdas e danos reais. O filme **19 mulheres e um homem,** que começaria a ser rodado em setembro, só será realizado a partir desse mês, pois os empresários resolveram esperar o resultado do processo contra a Discofon. E também, neste processo de um milhão, David Cardoso terá que pagar Cr$ 200 mil para advogados. Paulo Rangel acha que seria fácil provar que Marlene não foi prejudicada profissionalmente pela circular nem pela foto na capa do disco.

Marlene resolveu mover essas ações contra David Cardoso para dar uma lição. Ela acha que "chegou a hora de acabar com esses abusos". Marlene diz que sempre esteve em situação de inferioridade, mas que agora resolveu lutar, para ajudar a classe dos artistas. O milhão é uma cifra aleatória. Ela não precisa desse dinheiro. O importante, para ela, é a posição assumida.

Ela só sentiu dificuldades de trabalhar depois da circular no setor de cinema, pois no de publicidade, as propostas são muito boas. As revistas Status e Homem já ofereceram Cr$ 80 mil para ela posar e uma empresa construtora quis lhe pagar Cr$ 70 mil por um trabalho que levaria apenas uma hora: anunciar um edifício, só com o rosto. Marlene recusou as duas propostas, pois está interessada em fazer alguma coisa importante para o povo brasileiro. Ela diz que "poderia ficar tranquilamente deitada na beira da piscina, num berço esplêndido", mas vai participar de uma montagem do Brecht, um espetáculo que provavelmente lhe dará prejuizo.

— Fiz cinco filmes com David e ele me pagou corretamente. Mas agora ele errou. Provei que sou dona da minha imagem e agora vou mostrar para classe artística que é necessário acabar com esses abusos dos produtores.

José Roberto Cersósimo, advogado de Marlene, acha que o processo vai acabar só no fim de 1977 ou no início de 78. É um desafio real para David Cardoso. Feito por uma só mulher.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PARQUE CECAP DE GUARULHOS TERÁ MAIS 960 APARTAMENTOS

A Cecap – Companhia Estadual de Casas Populares – abriu concorrência para a construção de mais 960 apartamentos em seu parque habitacional de Guarulhos, que já conta com 1.800 apartamentos habitados, dos quais 960 em fase de acabamento, com entrega programada para fevereiro. O Parque Cecap de Guarulhos dispõe de: escola, centro de saúde, telefones públicos, gás canalizado, encontrando-se atualmente em construção três quadras de esportes e um campo de futebol.

O projeto total do Parque Cecap de Guarulhos prevê a construção de 10.540 unidades habitacionais, que serão executadas à medida em que a demanda assim exigir. Atualmente está sendo mantido um rítmo de construção de 960 unidades por ano, ou seja 18 apartamentos por mês.

AS UNIDADES

Os apartamentos integram edifícios de três pisos, sobre pilotis, em estrutura de concreto armado, possuindo 82 metros quadrados de área total, incluindo 61 metros quadrados de área útil.

A construção e o material obedecem às modernas técnicas, caso típico das formas metálicas, produto da tecnologia sueca.

O piso é vinílico, de alta resistência, o que garante sua durabilidade por largo período, qualidade já demonstrada em rigorosos ensaios de laboratório.

Nas unidades em construção os caixilhos são de alumínio, o que evita a ação de elementos corrosivos, fato frequente em áreas da Grande São Paulo

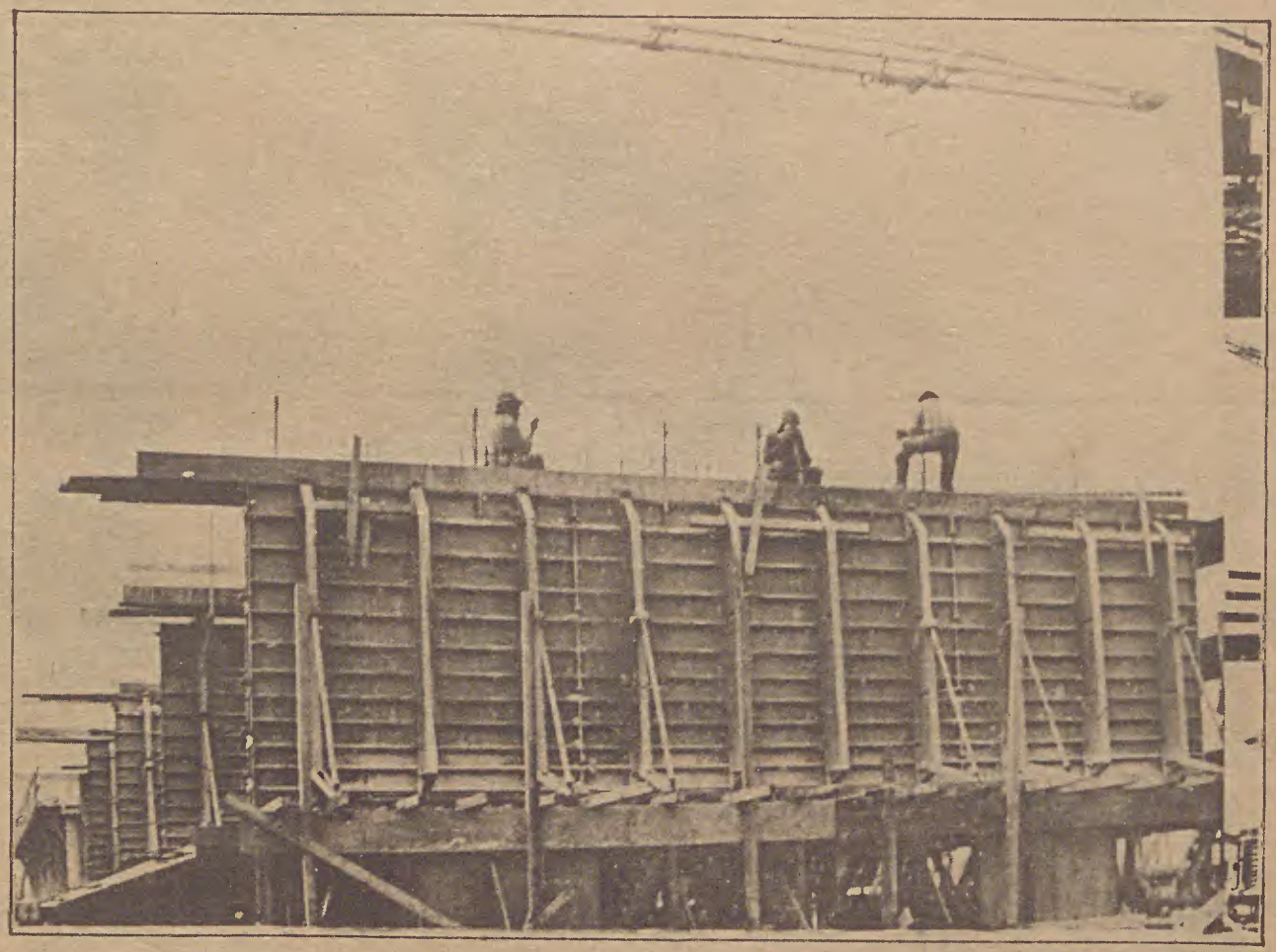
As divisórias internas são de gesso, com excessão dos ambientes úmidos, onde a divisão é feita com bloco de cimento.

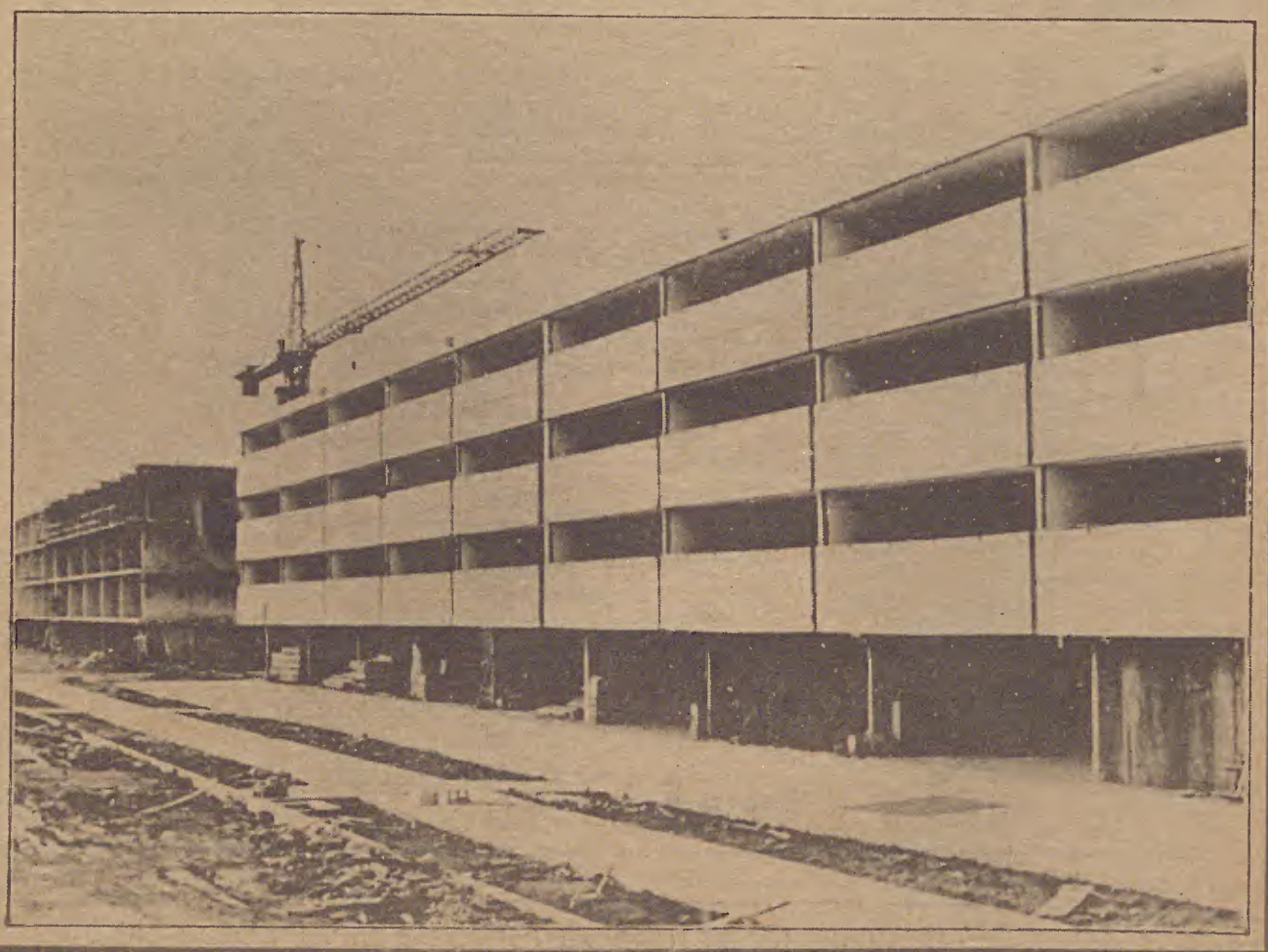
PARQUE MODELO

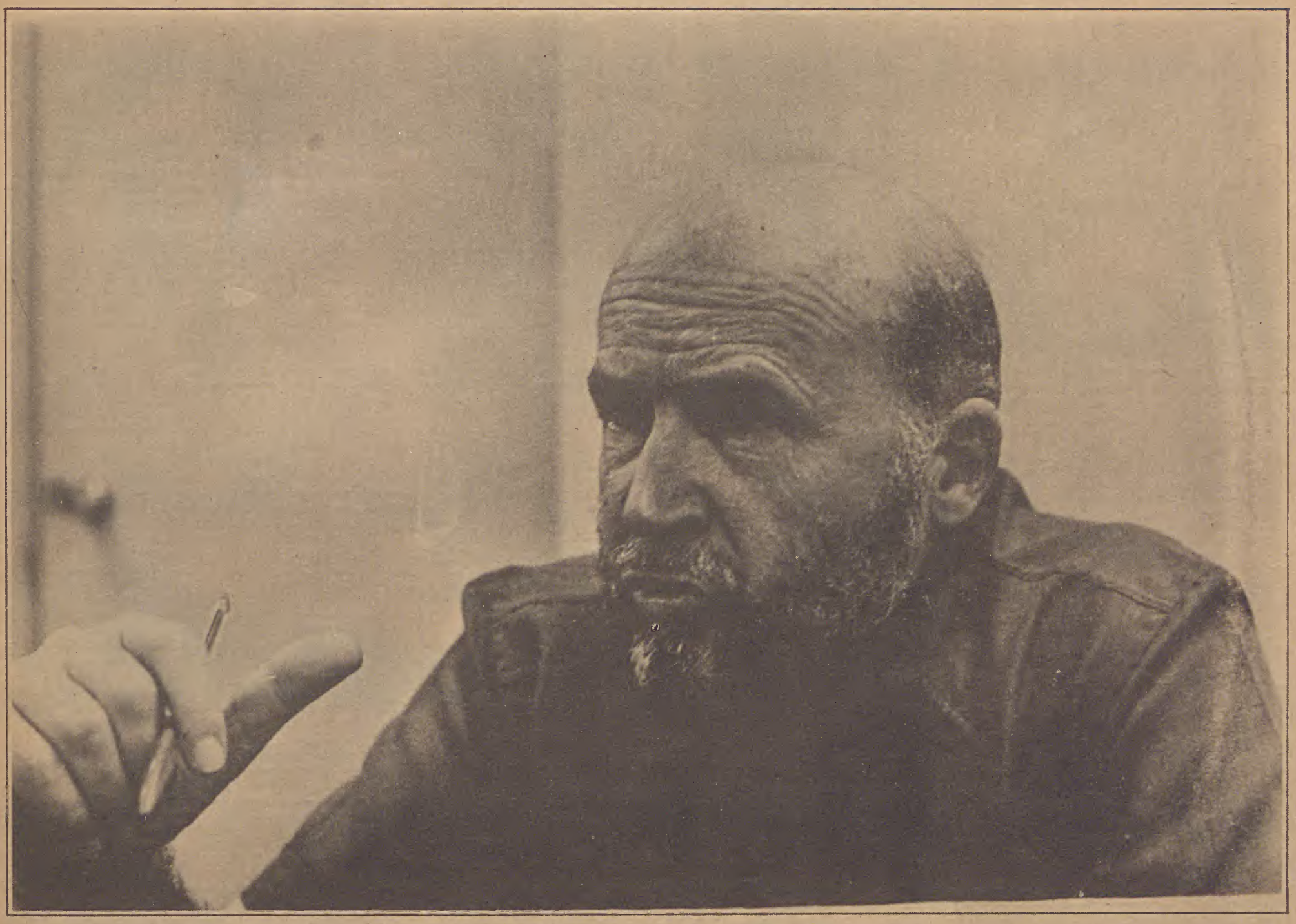
O Parque Cecap de Guarulhos está localizado numa área de 1 milhão e 800 mil metros quadrados, de acordo com o projeto total, sendo 50% reservados a áreas verdes.

O conjunto tem sido incluído em diversos programas oficiais de visitas de autoridades estrangeiras, tanto por parte do Ministério das Relações Exteriores como do Banco Nacional de Habitação.

As últimas visitas ao parque foram feitas pelo ministro da Habitação de Ghana, pelo líder do Partido Trabalhista inglês, pelo presidente do Instituto dos Arquitetos da Nigéria e por diversos profissionais estrangeiros que aqui estiveram em visita.







Walter Durst está cheio de boas intenções. Mas a censura nem quer saber.

"Minha novela, Despedida de Casado, iria prestar um serviço à população

Depoimento a José Antônio da Silva Fotos de Joel Sian e TV Globo

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O Capovilla e o Fernando Peixoto fizeram "O Profeta da Fome" em cima da minha peça "A Urna", sem a minha autorização.

Maria Fernanda (Lídia) e Felipe Wagner (Roque)

Quais os motivos da proibição da novela "Despedida de Casado" pela Censura Federal? Walter George Durst, 48 anos de idade e 26 dedicados à televisão – o tempo que ela existe no Brasil – autor da novela, não sabe e não se conforma: "Acredito sinceramente que minha estória seria quase um serviço público. Iria ajudar os casais a enfrentarem os problemas do seu relacionamento". Nesta entrevista ele fala sobre seu trabalho, sobre a própria essência da novela da maneira como é feita no país – um fenômeno brasileiro –, sobre os bons autores do gênero e, ainda, sobre o desprezo da grande maioria dos intelectuais brasileiros pela TV. E os motivos porque isto acontece.

Aqui – Quantos trabalhos escritos ou adaptados por você para a televisão tiveram problemas com a censura até hoje?

Walter Durst – Esta novela agora – **Despedida de Casado** – foi o primeiro trabalho meu para a televisão que foi censurado. E isso que se eu colocar uma linha depois da outra, de tudo que já escrevi para a TV, acho que dá para chegar à Lua...

Aqui – A que você atribuiu esta ação da censura sobre esta novela?

Walter – Eu não sei dizer a você. Tenho lido nos jornais várias coisas. Dizem que pregava a dissolução do casamento, o ódio do pai para o filho, mas assim mesmo não tem nada disso. A sensação que eu tenho quando ouço essas coias é a de que estão se referindo a outra novela. Porque justamente esta aí prega exatamente o contrário, não tem qualquer dissolução de casamento. É uma análise do relacionamento homem-mulher, pega três casais que vão solucionar seus problemas. A novela se propõe quase a ser uma terapia de grupo. Então, as acusações são o contrário do que a novela se propunha. E não foi um trabalho de última hora, foi todo um trabalho de pesquisa feito pelo Valter Avancini, por mim e pelo psiquiatra Paulo Gaudêncio.

Aqui – Como surgiu o tema desta novela?

Walter – Bem, nós queríamos falar sobre um problema atual. E percebemos que o amor, o relacionamento, é um tema atual evidentemente da maior importância e sobre o qual seria possível, fazer um bom e honesto trabalho. Dizer a verdade sobre a arte de amar hoje, que é uma complicação. Então consultamos o Paulo Gaudêncio, que atende cerca de 350 pacientes por mês, e que conhece então todo o tipo de problema. Já era meu amigo antigo e na minha opinião o melhor psiquiatra que conheço. Então propusemos a ele fazer uma novela que fosse uma terapia de grupo. Ele ficou fascinado, achou maravilhoso se fosse possível fazer isto. Nós verificamos pelas estatísticas de Gaudêncio que a percentagem de problemas excepcionais – homossexualismo, esquizofrenia – era, mínima. Quer dizer, corresponde a cinco por cento do total de casos. Então, o maior problema era mesmo o desajustamento de casais. A mulher chega lá e diz que quer se separar do marido, ou é o marido que procura o psiquiatra dizendo a mesma coisa, que não dá mais certo... Afastamos todos os casos excepcionais ao escrever a novela e ficamos só nos casos exemplares. Escolhemos então três casais que estatisticamente representassem a maioria dos casos. Casos normais.

Aqui – Como eram cada um desses casais?

Walter – Um era um caso de amor onde é necessária a passagem do amor juvenil – paixão – para o amor adulto, maduro. Esta história, que seria vivida pela Regina Duarte e o Antônio Fagundes, começa com o casal já vivendo juntos há 12 anos. Se amaram muito, como uma espécie de Romeu e Julieta. Mas depois de 12 anos acabou a paixão e este casal não está preparado para enfrentar isto. Então a mulher começa a pensar que gosta menos do marido. Recorre à psiquatria e através da terapia de grupo os dois chegariam a um final feliz. Mas isto não era nem uma concessão para que tudo terminasse bem: as estatísticas de Gaudêncio mostram que ele tem conseguido 80 por cento de reconciliação de casais. O que é ótimo, porque as vezes acontecem coisas dramáticas. Me lembro que uma vez fui ao Forum, na Vara Familiar, para fazer um programa de TV. E lá vi grades nas janelas. Perguntei para que as grades e me responderam: "Aqui já houve muitas tentativas de suicídio, e até suicídios mesmo". Quer dizer, quanto mais intenso o amor, em maior ódio ele pode se transformar. É uma situação muito dramática: às vezes um dos cônjuges tem que levar as crianças para ver o pai, ou a mãe, e lá no Forum tem uns parquinhos, todos fechados, embutidos. Play-graund tem que ter árvores, areia, água, e lá não tem nada. É tudo muito dramático.

Um tratamento psiquátrico não se resolve em duas sessões ou em dois capítulos.

Aqui – E quanto aos outros dois casais?

Walter – Bom, aquele da Regina Duarte era o casal principal. Depois, tinha outro casal vivido pela Maria Fernanda e o Felipe Wagner, também muito comum. É um homem que se casa com uma mulher hoje e estão mais ou menos no mesmo nível social, cultural. Então está tudo bem. Mas depois, por qualquer motivo, o homem descreve uma curva ascendente maior. No caso era um médico, um médico que subiu social e culturalmente, e fica num nível superior ao da mulher. Ela ia ficando para trás, isolada, sozinha, se sente terrivelmente rejeitada, segundo o Paulo Gaudêncio. Se perguntava porque o marido hoje prefere falar mais com a filha que é universitária do que com a mulher. Se ela queria ajudá-los em qualquer coisa, o máximo que conseguia é que lhe pedissem um sanduíche. Virou uma doméstica. Então houve uma defasagem. Por isso ela quis voltar à faculdade, onde tinha uma matrícula trancada. Se submeteria aos vexames de um cursinho, porque já tinha mais de 40 anos – isso bem engraçado, com muito humor na novela. Seria uma personagem de grande força popular, porque uma mulher para fazer isso precisa ter uma vontade, um grande amor pelo seu marido, querendo reconquistá-lo. Então, onde está a dissolução do casamento?

Aqui – E o terceiro casal?

Walter – Nosso terceiro casal era formado por uma desquitada, uma mulher que já começava a novela com o casamento destruído. Porque ela casou com um homem – como existem muitos – cuja adolescência dura até os 60 anos, um imaturo. Mas ela é um pouco acomodada, sem querer enfrentar uma nova vida, duas vezes havia voltado ao mesmo tipo de vida com este homem. Neste caso, a psicoterapia mostraria a ela que aí não havia solução, que ela estava acomodada demais, que o caso não tinha solução, principalmente porque o homem não estava fazendo tratamento, e ele não se submeteria a isso, achava bobagem. Era a Rosa Maria Murtinho e o Nelson Caruso. O caso dele então era arranjar um emprego e fazer sua vida, recomeçar lutar para ser feliz.

Aqui – Você chegou a lutar para conseguir a liberação da novela, tomou alguma atitude mais concreta?

Walter – Não, porque eu não tenho como autor nenhum contato direto com a censura. Gostaria muito de antes da proibição ter sido chamado lá para conversar com eles, explicar toda a nossa intenção. Nós fornecemos a ele uma sinopse de 25 linhas, onde havia os propósitos gerais da novela, com esta linha construtiva. Tanto que foi aprovada, apenas com o conselho para nós não darmos muito realce a coisas como esquizofrenia – o que nem estava nas nossas cogitações. Então haviam sido gravados já 20 capítulos, escritos 35, e mandados para a censura os 10 primeiros. Vamos supor que eles não tenham gostado da linguagem destes 10 primeiros – seria o caso de nos chamarem e dizerem: "Esperem um pouco: isto será realmente construtivo?" Mas não houve nada, nenhum diálogo. E para mim, aquela linguagem dos primeiros capítulos era a real, onde existe uma esposa que começa a não gostar do marido – o que não significa a dissolução do casamento. Um tratamento psiquiátrico não é uma coisa que se resolva em duas sessões ou em dois capítulos. Então nós havíamos pensado em fazer um terço da novela para a exposição dos problemas, o outro terço para o tratamento psiquátrico mesmo, e o restante para a adequação total das vidas deles.

Aqui – A novela estava planejada para ter quantos capítulos?

Walter – Uns 120, 130, por aí. Bom, problemas de pais e filhos também não haviam na novela, os filhos dos casais são amados pelos pais...

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

Aqui – Qual foi a participação de Paulo Gaudêncio na criação desta novela?

Walter – O Gaudêncio foi praticamente um consultor, antes de cada capítulo a gente discutia. Tanto que junto comigo ele é praticamente co-autor do texto. E a direção era do Valter Avancini, que eu considero talvez o mais importante diretor de novelas que nós temos.

Aqui – Além das novelas, você tem algum outro trabalho censurado?

Walter – Eu tenho uma peça escrita em 1963, me referindo a governos sul-americanos daquele tempo para trás. Chama-se "A Urna", no sentido de voto, e o problema levantado por ela é o da falta de democracia. Se referia a democracias populistas precedentes à 1963, governos tipo Ademar de Barros. A mensagem da peça era a de que a democracia se não for levada com seriedade, está a um passo do abismo, se desfaz facilmente. Com esta peça, concorri a um concurso do SNT, ganhei o concurso, e ela foi publicada. Quando algumas companhias teatrais quiseram montá-la, a censura proibiu E nunca foi montada.

Aqui – Aliás, em relação a "A Urna", há quem diga que foi baseado nela que o Maurício Capovilla e o Fernando Peixoto fizeram "O Profeta da Fome", e seu nome não figura nos créditos do filme...

Walter – "Há quem diga", não – isto aconteceu mesmo, é verdade. O Capovilla e o Fernando Peixoto foram à minha casa propor a filmagem da peça, que ainda não tinha sido proibida, não havia problema nenhum. Mas eles já apareceram com um **script** para eu aprovar, e perguntaram quanto eu queria para deixar fazer o filme. O Peixoto seria o diretor, e o Capovilla o produtor. Então eu marquei uma leitura do roteiro deles na minha casa, com vários amigos. Para ter outras opiniões, pois achava que, como pai da criança, talvez fosse um pouco exigente demais. Mas vários amigos assistiram esta leitura – isto já era em 1965. Bom, foi feita a leitura e eu não gostei. Achei que eles tinham transformado a minha história – que pretendia ser apenas um documento sociológico, um aviso sobre a necessidade de levar a sério a democracia – num panfleto. Aí eu fui contra. Assim como os meus amigos, que assistiram a leitura. Falei para o Capovilla que eu fizera um esforço para criar um texto que não fosse panfletário, demagógico, e que ao mesmo tempo tivesse uma boa comunicação com o público. E que o que eles tinham feito no **script** era uma coisa muito mais fria em relação ao público. E não aprovei. Eles então deixaram o **script** lá em casa para eu marcar o que me desagradasse especialmente, o que estava faltando, que depois eles passariam lá. Foi assim, e eu dou minha palavra de honra. Bem, eu marquei o **script**, marquei o que não me agradava, o que era falso, o que antes tinha humanidade e foi cortado, o que tinha humor e perdeu. Especialmente o humor eles tiraram muito. Mas para minha surpresa eles nunca mais voltaram lá em casa.

Novela poderia ser uma grande força dentro da cultura brasileira.

Aqui – Quando você ficou sabendo que eles já estavam filmando o seu trabalho?

Walter – Eu fiquei sabendo através do Sebastião, que foi assistente do Antônio Carlos Person. O Sebastião veio reclamar para mim, dizendo que eu era um chato, que não havia dado permissão a ele nem ao Antunes Filho nem a outros diretores para filmarem "A Urna" e agora deixava o Capovilla fazer. "Mas eu não deixei nada!" – fiquei espantado. E ele me contou que daí uns dias iam começar as filmagens em São Luiz do Paraitinga. Fiquei arrasado, quase nem acreditei. O Capovilla é um intelectual, o Fernando Peixoto mais ainda, um intelectual de respeito, pensei comigo se eles seriam mesmo capazes de fazer isso. Fiquei sabendo que a cenografia seria feito pelo Flávio Império, um sujeito que eu respeito, um esteta, um grande cara – quase não acreditei. Aí passei um telegrama pro Capovilla dizendo que estranhava muito o negócio todo e não aprovava a filmagem. Dizia que ia mover uma ação se eles fizessem isso. Mas como eles haviam começado resolveram que não iam parar mais, que iam até o fim.

Aqui – Você chegou a processá-los?

Walter – Pensei em mover uma ação, cheguei a fazer um protesto junto a SBAT. Depois fui ver o filme quando ficou pronto e, achei que tinha todas qualidades negativas que eu já havia visto no roteiro. Antipopular, sério demais, frio, sombrio. Tinha algumas qualidades positivas, algumas cenas bonitas, a cenografia... – mas não gostei. Não movi ação nenhuma contra o Capovilla, porque acho que a vida do artista no Brasil já é tão difícil, nosso mercado era tão pequeno. Achei que exigir dinheiro do Capovilla – que a esta altura só poderia exigir dinheiro, porque o que eu não queria que ele fizesse ele já tinha feito, a fita estava pronta – seria traduzir a minha mágoa em dinheiro dentro da classe artística... Me deu um quixotismo ridículo e não movi ação nenhuma contra ele. Apenas fiquei de mal. Um dia ele se aproximou, veio falar comigo, eu não respondi. Outro dia assisti uma peça dirigida pelo Fernando Peixoto, aliás muito boa, gostei muito. Fui falar com ele: "Você é um f... mas a peça está muito boa". Depois o próprio Peixoto escreveu um artigo num jornalzinho que não existe mais – chamado Platéia – falando que a fita começou sendo "A Urna" e depois não era mais. Mentira, é a peça mesmo. Esta lá o final do segundo ato inteiro, tem frases completas. É "A Urna" mesmo, eles não colocaram meu nome porque eu mesmo não queria. Agora, é um filme que não está proibido, tem trânsito livre por aí. Por isso não entendo porque a peça foi proibida de ser encenada, assim como não entendo a proibição atual da censura sobre "Despedida de Casado".

Regina Vianna (Vera), Osmar Prado (Cássio) e Carlos Gregório (Waldir)

Rosamaria Murtinho (Rejane) e Nelson Caruso (Odilon)

As críticas parece que estão se referindo a outra novela, porque a minha não tem nada disso que andaram escrevendo por aí...

Aqui – Fale um pouco sobre a sua experiência na televisão.

Walter – Você sabe que eu trabalho na televisão desde o início, desde 1950. Durante 12 anos eu fiz "TV de Vanguarda", na Tupi, que foi o primeiro teleteatro importante da televisão, onde nós testamos todas as formas que hoje estão sendo utilizadas por aí. Eu e uma equipe, mas eu era o principal incumbido dos textos. Havia o Cassiano Gabus Mendes, o Dionísio Azevedo, mas nós não tínhamos modelos e então praticamente criamos as formas. Fiz também outras novelas – "O Cara Suja" – que foi um enorme sucesso, era uma adaptação de um original mexicano. Fiz vários casos especiais para a Globo, praticamente concorri a todos os concursos. Concorri a um concurso da Cacilda Becker – "Procura-se um Tele-Autor", e ganhei. Fiz telepeças aqui na Cultura, muitas vezes adaptando, e às vezes escrevendo. E ultimamente adaptei Gabriela. Nesta última novela, proibida, cheguei a escrever cerca de 700 folhas. Sei que a Globo teve um prejuízo de 5 milhões, segundo li por aí. Para mim foi mais uma fossa moral e física. Passei três meses levantando às 6 da manhã para fazer 20 folhas por dia, e já tinha feito 35 capítulos. É terrível ver tudo isso jogado fora. Mas meu grande problema foi moral, acho que Gaudêncio, o Avancini e eu perdemos uma grande oportunidade de prestar um serviço maravilhoso à população. Mostrar que existe a terapia, e como curiosamente pode consertar situações... de modo que este desserviço é que lamento não ter podido fazer. Porque fazer uma história para a TV não é bicho de sete cabeças, mas fazer uma história útil, não é fácil, no meio de tantos problemas por aí.

Aqui – Como você vê o crescimento cada vez maior da penetração da televisão junto ao público?

Walter – Desde que comecei na TV percebi a força extraordinária do veículo. Coisas que me surpreenderam realmente, a mim que estava lá dentro. No caso da novela o "Cara Suja", eu me lembro que um sujeito me procurou um dia para me contar que ele havia feito um cruzeiro pela Europa, pela Itália, e passou por Nápoles. Pois ele se deu ao trabalho de ir ao sul do país para ver a cidade onde havia nascido o personagem da novela. O cara era guia turístico e deu um jeito de deixar as senhoras que ele guiava em Roma e foi sozinho até a Sicília, procurar a tal cidadezinha, que eu havia escolhido por acaso, no mapa, para ser a terra natal do personagem. Quer dizer, eu fiz isto aí em três minutos e fico sabendo depois que um cara gostou da novela, do personagem e foi até Catanzaro para ver a cidadezinha. E tem mais, quando voltou ele veio falar comigo e disse que o personagem não tinha nascido em Catanzaro não. Eu não estava entendendo nada, o cara me dizendo onde tinha nascido a minha personagem. Ele explicou: Acontece que eu nasci numa cidade perto de Jundiaí, mas se na Europa me perguntarem onde nasci, vou dizer que foi em Jundiaí, porque a outra cidadezinha é muito michuruca. Então ele achava que o personagem também não tinha nascido em Catanzaro, mas num lugarejo perto. Dá pra ver por aí a força que a televisão tem, a influência sobre as atitudes e comportamento das pessoas. E por outro lado, o que eu vejo na televisão é um desenvolvimento técnico muito grande, a externa abriu um campo muito grande, há mais recursos – mas como conteúdo não sei não. Este caso aí da "Despedida de Casado" é inexplicável, não tem nenhuma conotação política assim, de ser A ou B, Corintians ou São Paulo.

Aqui – Qual é sua opinião a respeito da utilização de obras literárias brasileiras nas novelas de televisão, como a recente Gabriela, de Jorge Amado?

Walter – Gabriela eu fiz a adaptação, fiz com o

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Se eu colocar uma linha depois da outra de tudo que já escrevi para a TV, acho que dá para atingir a lua.

maior prazer, era uma história popular. Acho que sendo bem feito é válido. Na medida em que estes livros encontrarem boas adaptações, tiverem realmente importância e ainda se mantiverem de interesse para a vida atual, pelos problemas que estiverem tratando, acho perfeito.

Aqui – E a importância da novela na cultura brasileira atual?

Walter – De algum modo, ela se tornou um elemento da cultura brasileira, e acho que ela poderia ser uma grande força dentro desta cultura. Nós queríamos, na "Despedida de Casado", por exemplo, que a televisão fosse tão cultural que chegasse a ser de utilidade mesmo. Nosso sonho era fazer um serviço público, fazer uma espécie de terapia de massa. A dona de casa pelo menos seria chamada para o problema, ficaria alertada para uma série de coisas. Porque a televisão é um veículo que está aí, e na medida em que não se tornar mais útil, ficar apenas na medida da diversão pela diversão, é uma grande perda.

Aqui – Você acha que a novela de televisão como existe aqui no Brasil é um fenômeno próprio do país, com características próprias?

Walter – Há similares. Na Europa por exemplo são adaptadas obras literárias em episódios. Mas como um fenômeno de massa mesmo, é um fenômeno brasileiro – talvez também sul americanos. Nos Estados Unidos por exemplo, existem novelas nas são para as minorias latino-americanas e são transmitidas durante o dia. Houve um tempo em que eu era empregado do setor publicidade de Colgate-Palmolive, e escrevia novelas para eles, que eram passadas na Tupi. E se faziam pesquisas com as operárias da Colgate, apresentava-se três ou quatro títulos e elas escolhiam o melhor, era feito um pequeno Ibope interno. Nesta ocasião às vezes eu reescrevia uma novela da Argentina, escrita lá, com 25 capítulos – porque havia uma lei argentina que dizia que nenhuma novela podia ter mais que isso, para cobrir um mês só, não sei porquê. Então eu recebia esta novela, traduzia para o português, ampliava para 80,100 capítulos e ia para o ar. Depois voltava, na minha versão, para uma tradutora argentina, e ela traduzia para o espanhol e esta mesmo novela era enviada para a Venezuela, Colômbia e outros países. Isso foi o comecinho da novela. Depois a Globo fez a novela brasileira mesmo, que até então quase todas eram adptações.

Aqui – Quais foram as primeiras novelas brasileiras?

Walter – As primeiras começaram no mesmo grupo do canal 9, e a Globo depois estendeu isso. Acho que as primeiras foram "Minas de Prata", baseada no José de Alencar, "A Muralha", já com temas brasileiros. Depois a Globo quis fazer só novelas brasileiras. "Redenção" por exemplo. Mas durante algum tenpo a novela brasileira conviveu com a novela adaptada. Hoje, por exemplo, existe "Papai Coração". Mas a Globo se libertou disso e partiu só para a novela brasileira. Aí surgiram os autores desenvolvendo a forma da novela brasileira.

Aqui – Esta novela tem realmente mostrado situações e problemas brasileiros?

Walter – Tem. Nós temos ótimos autores, como o Bráulio Pedroso, o Lauro César Muniz, o Dias Gomes, que é um autor que não apenas sabe, como poucos, a forma de fazer uma novela, como é um ótimo observador da vida, tem muito sentido de humor. Eu gosto muito daquela novela dele, "O Espigão". Então, aos poucos, se criou um grupo de autores de novelas no País, inclusive com importância cultural no sentido de colaborar para a discussão de certos problemas. O Dias Gomes, por exemplo, de repente enfocava o problema de poluição, exploração imobiliária.

Aqui – A que você atribui um certo desprezo do intelectual brasileiro pelas novelas?

Walter – O desprezo do intelectual brasileiro é pela televisão em geral. Toda a vida eu esperei a chegada dos intelectuais na televisão. Eu pensava ingenuamente como seria maravilhoso quando este pessoal todo chegasse à TV. Mas isto não aconteceu – talvez até porque ele não tenha tido estímulo. A técnica da televisão é muito específica e o intelectual brasileiro parece que não ficou disposto a se voltar para isso. Não sei porque, mas ele não tem se aproximada da TV como eu esperava. É moda falar mal da televisão, quem vê e quem não vê. O moço assiste pouco a televisão, o que é uma pena... Deveria haver um trabalho não só da televisão mas também da censura para deixar o intelecutal à vontade para usar a televisão. É todo um contexto que o afasta deste veículo.

Sair de férias fora da temporada, faz bem para a alma e para o bolso.

Aí está um assunto que só as pessoas mais experientes costumam saber.

Fora da temporada, o Grande Hotel São Pedro fica uma espécie de ilha de paz, cercada por um oceano de bosques, onde o verde, o ar puro e os pássaros só podem fazer bem à saúde e à alma.

Mas como nem tudo a natureza pode dar, o Grande Hotel São Pedro dispõe de piscinas, quadras para jogos, cavalos, charretes e tudo o que é necessário para que a volta à natureza se processe por inteiro.

E para que a felicidade seja completa, a comida do Grande Hotel São Pedro é preparada por pessoas que já causaram algumas lágrimas de emoção em certos "gourmets" acostumados a frequentar restaurantes europeus.

Toda essa paz, tranquilidade e alegria, fora da temporada custa menos, muito menos, simplesmente porque as pessoas só ficam realmente felizes quando podem gastar pouco.

Pegue a sua família e vá para o Grande Hotel São Pedro.

Entre agosto e novembro, é a pedida ideal.

Grande Hotel São Pedro
-Um hotel que faz escola.

Reservas em São Paulo
Rua Dr. Vila Nova, 228
Tel. 256-5522

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ESCOLHA/ESPETÁCULOS

Dia dos loucos **não devia sair da prateleira**
Cancão de fogo: **fisiologia e ingenuidade popular**
Vestido de Noiva: **Nelson Rodrigues, 40 anos depois.**
Revista do Rádio **traz Ângela Maria, a cafona maravilhosa.**

Esqueça Jack Nicholson, o falso louco

Dia de Loucos é um filme antigo, de 1972, e produção independente de Bob Refelson, também seu diretor e autor de argumento. Demorou todo esse tempo para ser exibido no Brasil porque a distribuidora Colúmbia o considerava anti-comercial. Foi preciso que uma distribuidora independente como a Paris Filmes acreditasse nos apelos de bilheterias de seus atores para tirar a cópia das prateleiras. Nesse jogo, é preferível ficar ao lado da Colúmbia.

Não se trata apenas de um filme anti-comercial. É um filme caótico que pretende ser inovador, usando uma nova linguagem, onde se elimina uma história para mostrar a personalidade e a loucura de seus personagens através de quadros estanques, sem que um tenha algo a ver com o próximo. O processo até que pode ser interessante e experimental. A forma é que aniquila qualquer possibilidade de ser considerado experimental.

O elenco tem nomes atraentes. Além do maravilhoso Jack Nicholson, há a premiada Ellen Burstyn e o prestigiado Bruce Dern, cada um se esforçando mais que o outro para convencer a platéia de que eles estão completamente loucos. A paranóia, então, é mostrada num clima marginal, com ramificações no submundo do gangsterismo sediado em Atlantic City, a cidade de veraneio da costa leste norte-americana, onde se realizam os concursos de Miss América.

Num ritmo desesperador, ele apenas vai alinhavando sequências sem preocupações de críticas, denúncias ou qualquer coisa parecida. Ele quer apenas demonstrar o vazio da cumplicidade, o que pode ser complexo, mas também é inútil.

A chatice que domina o filme inteiro só é interrompida uma única vez quando o diretor consegue captar a magia da linguagem cinematográfica numa sequência patética e bela. É quando os três personagens ensandecidos invadem o teatro de Atlântic City e elegem a sua miss América, que é a filha também paranóica de Ellen Burstyn. Enquanto ela faz um **tap dancin'** ao som de uma música tocada no órgão por Ellen, Jack Nicholson fica sendo o apresentador e Bruce é a platéia. A solidão é comovente mas a bela cena não vale o filme. O que todo mundo têm a fazer e esquecer que **Dia dos Loucos** está sendo exibido na cidade.

Cordel, teatro com pretensões populares

Cancão de Fogo é mais um exemplar de teatro popular nordestino segundo a ótica de Luis Mendonça, seu diretor, e de Jairo Lima; seu autor Luis Mendonça já é bastante conhecido em SãoPaulo pelos sucessos de seus espetáculos anteriores, **Lampião no Inferno e Viva o Cordão Encarnado. Cancão de Fogo**, longe de representar um acréscimo, é apenas mais um trabalho dentro de uma linha

Cancão de Fogo

pré-concebida em direção ao teatro popular. A peça quer ser popular só porque é teatro de cordel, com toda as liberdades ingênuas ao genêro. Trata-se de uma farsa contada em versos, com moral e tudo, que tem duas pretensões: a de denunciar uma situação do **status quo** e a de divertir. Duas pretensões que mal conseguem se materializar. A culpa não é apenas da falta de idéias mas, principalmente, da pobreza da produção e das precariedades técnicas do teatro Paulo Eiró, sem nenhuma acústica.

As idéias do espetáculo estão melhor sugeridas neste texto de apresentação que o grupo coloca no programa: **Cancão de Fogo** não é apenas um espetáculo alegre e descontraído, com a vivacidade de um violeiro sagaz, mas um depoimento ológico mais alta importância. No colorido das roupas e na batida das músicas a reação camponesa às realidades adversas, às heranças danalditas. **Cancão,** para fugir das adversidades, lança mão de expedientes nada morais do ponto de vista estabelecido pela sociedade camponesa. Ele não fica à espera do milagre do Padre Cícero. Graças a seus truques que são engendrados pela desesperança do camponês cansado de esperar, ele diz muito, porque demonstra a realidade de um lugar onde o dono da terra faz sua própria lei.

Felizmente, esses chavões não estão no texto de Jairo Lima. Seu cordel não permitiria essas conclusões já que o personagem Cancão,no palco, não é um desesperado, mas um safado que viveria muito bem nos morros cariocas, um malandro vivíssimo e amoral, pregando peças em todos e sempre se divertindo com sua libertinagem. O público menos exigente também pode se divertir com essa simplicidade, desde que ache graça na constante enunciação de atos fisiológicos e que não se irrite com a ingenuidade desta farsa nordestina.

O chocante Vestido de Noiva.

O teleteatro do Canal 2 exibe **Vestido de Noiva** de Nelson Rodrigues às 21 horas de quinta-feira. Pode ser gratificante assistir esse programa, apesar de não estar sendo apresentado na versão consagrada de Ziembisky. A direção é de Antunes Filho e as interpretações são de Lillian Lemertz, Nathalia Thimberg, Celia Olga e Edwin Luisi. As raras pessoas que sintonizaram a primeira apresentação desse teleteatro no ano passado gostaram muito e garantem que não se trata de uma reprise. É apenas, uma segunda sessão da qualidade.

Ângela e Agnaldo, dose dupla de mau repertório

Ângela Maria

A estréia do novo show de Ângela Maria, **Revista do Rádio**, que foi um grande sucesso no Rio de Janeiro, está programada para esta quinta feira às 21 horas no teatro Aquarius e deve ser feérica. Ângela Maria tem um repertóro horroroso mas é uma cantora maravilhosa e seu cafonismo até se confunde com prazer. Pena que aqui ela divida o show com Agnaldo Rayol, o cantor que nunca foi, com seu repertório horroroso e seu cafonismo que nunca se confundiu com prazer.

Os melhores programas são as continuações

Ainda há muitos espetáculos em cartaz que merecem ser vistos, embora tenham sido estreados há muito tempo. Em cinema, por exemplo, o melhor filme continua sendo "A Última Loucura de Mel Brooks", uma comédia delirante com gags de uma inventividade de fazer inveja aos Irmãos Marx. Mel Brooks não perde um momento de humor e Anne Bancroft, como convidada especial, é uma grata revelação. Cine Bristol.

E, na televisão, uma reprise, a da novela "O Bem Amado", agora em capítulos compactos para preencher o espaço deixado vago pela proibição de "Despedida de Casado". A novela de Dias Gomes foi muito elogiada em 1973 e deve ficar melhor nesse resumo. Às 22 horas, Canal 5.

Em teatro, há duas indicações expressivas "Ponto de Partida" é um belo poema de Gianfrancesco Guarnieri em cartaz no teatro TAIB. Guarnieri também é o melhor ator em cena e por seu trabalho, foi justamente premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte. "A Noite dos Campeões" não ganhou nenhum prêmio mas é um espetáculo irrepreensível, com ótima atuação de Raul Cortez, Auditório Augusta.

O melhor show de 1975 continua em cartaz neste 1977 e, depois de três semanas de férias, "Falso Brilhante" volta a ser apresentado nesta quinta-feira para mais alguns meses de permanência. É Elis Regina em tempo de Broadway, no belo cenário de Naum Alves de Souza e na inspirada direção de Miriam Muniz. Quem já viu, deve ver de novo só para ter o prazer de ouvir Elis fazendo a melhor interpretação de "Mulheres de Atenas", de Chico Buarque e Augusto Boal, num perfeito arranjo de Cesar Camargo Mariano. Teatro Bandeirantes.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ESCOLHA/PONTE AÉREA

— Vivaldino, criado de dois patrões, uma gargalhada só
— Marilia Pera faz muita força no Canecão
— Para um bom turista — Sargentelli e suas mulatas
— E se tiver sorte, uma feijoada, no "final do Leblon"

Assim como já há quem ache que não está longe o dia em que a Via Dutra será apenas uma larga avenida entre Rio e S. Paulo ou a Barra da Tijuca não passará de um prolongamento da Rio-Santos, a tão famosa e debatida Ponte Aérea é hoje uma simples antecipação dessa íntima comunicação entre as duas maiores capitais do País. A facilidade de organizar um fim-de-semana em Santos, tornou o paulista uma figura cada vez mais presente nos grandes hotéis da orla marítima da Zona Sul, nas suas piscinas, restaurantes, boites, boutiques, etc. E isto sem falar numa verdadeira invasão como a da torcida corintiana às vésperas de sua gloriosa jornada contra o Fluminense. É para eles que esta página "Escolha-Ponte Aérea" é hoje lançada no "AQUI". Uma página que certamente irá crescendo em informações e serviços. Para um começo, já é um bom começo de nossa correspondente nas plagas cariocas, Martha Góes, que assina a cobertura deste setor.

Marília Pera

Itala Nandi

Bráulio Pedroso

Na área teatral, o Rio anda cheio de cartazes tentadores, sobretudo para quem não anda por aqui há muito tempo. A começar pelos dois maiores sucessos de 76, que continuam a ser apresentados, verão a dentro: **A Gota D'Água** e **O Último Carro**. A indicação parece óbvia, mas os dois espetáculos são obrigatórios. A Gota D'Água lota agora o teatro Carlos Gomes, e mantém poucos atores do elenco original. Entre os poucos, Bibi Ferreira.

O Último Carro — texto e direção de João das Neves — é uma viagem suarenta e sacudida num trem do subúrbio carioca. Os personagens são passageiros habituais dessas maratonas de que a gente ouve falar pelos jornais, em dia de grandes desastres. Bela montagem. Teatro Opinião

Outro grande sucesso de 76 que continua em cartaz é **Os Filhos de Kennedy**, que tem astros globais no elenco, e conta a história de desilusões de cinco americanos, jovens nos anos 60. O autor é Robert Patrick, a direção é de Sérgio Brito. Teatro Senac.

A Longa Noite de Cristal, de Oduvaldo Vianna Filho, estreou no começo do semestre passado, e vem fazendo grande carreira. Merecidamente. O texto, magnífico, garante o espetáculo, que tem belas interpretações e direção nem tão bela assim, de Gracindo Jr. Teatro Glória.

Quem acha que verão e férias pedem programação de gargalhadas não vai ficar na mão. A adaptação que Millor Fernandes fez da comédia de Goldoni, **Arlequim, Servidor de Dois Amos** resultou no magnífico **Vivaldino, Criado de Dois Patrões**. Você vai rir na maior dignidade, e aplaudir Grande Otelo de pura gratidão. Também no elenco, aliás no grande elenco, Itala Nandi e Ari Fontoura. Teatro Casa Grande.

Você póde rir também em **Feira do Adultério** (se é que não riu antes, pois a peça já foi montada em São Paulo). São seis mini-comédias, de Bráulio Pedroso, Ziraldo, João Bethencourt, Paulo Pontes, Armando Costa, Lauro Cesar Muniz e Jô Soares. Teatro Serrador.

Essas são algumas alternativas. Há outras dignas de consideração, de Tenessee Williams a Garcia Lorca a Dias Gomes, para escolha in loco.

Em matéria de cinema, desnecessário dizer que os cariocas continuam comparecendo a **Dona Flor e seus dois Maridos**, que um popular, entrevistador pela TV Educativa, preferiu chamar de D. Sonia e Seus Dois Maridos.

Mas A **Última Loucura de Mel Brooke**, é igualmente concorrida, embora o quente seja chamá-la de **Silent Movie.** Se você já asistiu em São Paulo, lembre-se disso, quando fôr comentar o filme por aqui.

Isto Também Era Hollywood vem atraindo opiniões contraditórias. De um horror (Dudu Machado) a um barato (Denise Bandeira). Se não quiser arriscar, entretanto, um horror de programa, está em reprise **Ensina-me a viver**, que foi um sucesso mais unânime. Se ainda não viu, aproveite. Está no Cinema I e no Lido I.

Em reprise, também, o memorável **Uma Noite na Ópera**, com os irmãos Marx. É proibido perder. Cinema 2 e Studio Paissandu.

Show, o maior atualmente é o do Canecão. Voce corre o risco de se sentir instalado num giganteesco imóvel de Minister, é verdade, mas vê cenários e figurinos ricos e variados, e só não boceja porque Marilia Pera e Marco Nanini não deixam. **Deus lhe Pague**, de Joracy Camargo, adaptado por Millor, está mais pra Deus me Perdoe, já disse a imprensa local.

Se preferir gênero menos clássico, **Agildo e Rogéria em Alta Rotatividade**, o show da Sucata que a crítica incluiu entre os melhores do ano. Um lembrete: vale discordar da inclusão. A produção é de Carlos Machado, texto de Max Nunes e Haroldo Barbosa. Direção de Agildo Ribeiro.

Se você quiser assistir a um espetáculo mais pra crônico do que pra tradicional, veja Sargentelli e suas mulatas, agora sob o título de **Sem Telecoteco é Xaveco**, na boate Oba Oba.

Agora, se você valer como companheiro de noite turistas americanos, seu programa vai se chamar, obrigatóriamente, "Brazilian Follies 77", que reúne oitenta artistas, no hotel Nacional — a julkgar pelos shows, o Quitandinha dos anos 70.

Agora, restaurantes. Melhores e mais baratos que os de São Paulo, certamente não serão. Esclarecido esse pequeno ponto, podemos seguir em frente.

Pára almoçar de maiô depois da praia, ou para a noite, mesmo, o Luna's e o Diagonal (apelido para o nome mais pomposo de Porto Mar) — uma espécie de líderes do chamado baixo Leblon. Ambos na Av. Ataulfo de Paiva, ambos mais bem servidos na frequência do que no cardápio.

A boa comida — se não boa, pelo menos melhor que a média — quem garante na região é o Final do Leblon, apesar do feérico mostruário de azulejos e lajotas que recebeu na última reforma. Clientela menos frenética e, de quando em quando, um doce bárbaro. O Final fica na Dias Ferreira, a poucos metros do La Mole — aparentemente reservado aos [illegible] de famílias numerosas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Renato Bittencourt **LIVROS**

Saul Bellow ainda não achou o seu caminho

Na frase de abertura de seu livro **"Saul Bellow's Fiction"**, Irving Malin proclamou, em 1967: "Saul Bellow é provavelmente o mais importante romancista americano, embora não tenha ainda alcançado a plenitude de seu talento". De lá para cá, Below publicou **"Mr. Sammler's Planet"** (existe tradução em português lançada pela Artenova), que constitui um passo à frente na sua ficção, e chegou ao auge da glória, com a obtenção, do Prêmio Nobel. Mas seu talento ainda não se desenvolveu de todo.

Tendo chamado a atenção dos críticos com "Dangling Man", em 1944, o escritor nascido em Quebec, mas criado nos EUA, construiu sua carreira literária com vagar, espaçando bastante a produção, com intervalos às vezes de cinco ou seis anos entre os volumes.

O leitor brasileiro que deseje se familiarizar com o novo detentor do Nobel pode mergulhar nas páginas de **"O Planeta do sr. Sammler"**, se não tiver receio de forçar a vista no esforço de perceber os minúsculos caracteres tipográficos dessa edição em português. A tradução de Denise Vreuls adota, na maioria das vezes, a solução mais cômoda, que é a de ser literal. Em compensação, em algumas passagens, omite pormenores, limitando-se a falar em "diversos licores" ou "queijo", quando no original há especificações. Outrossim, "Lal era real" não parece dar ao público daqui a mesma noção da expressão "the real thing" empregada no original. "Monarca sobre cadáveres" padece de uma regência um tanto esdrúxula, ao tentar refletir a concisão de "ruler of corpses". E não creio que seja natural alguém dizer, no Brasil, em estilo coloquial, referindo-se ao prazer do amor: alcanço um clímax". Mas sabemos o que são, entre nós, as traduções. E um mérito, que não é pequeno, Denise Vreuls tem: conhece o sentido das palavras que lhe cabe passar para o português. Saul Bellow, portanto, não sai danificado, ao contrário do que tem ocorrido com novelistas renomados e de estilo refinado, como Nabokov, ou Heinrich Boll, que se tornam irreconhecíveis e incompreensíveis nas versões locais.

"O Planeta do sr. Sammler" mostra num papel de destaque, a **grande cidade**, como um trabalho anterior, **"The Victim"**, e retrata um homem perdido na complexidade e na inumanidade da metrópole, como em **"Seize the day"**. O protagonista central, homem de seus setenta anos, passeia por Nova York e em suas ruas encontra a mesma fonte de perigos a que o acostumara a visão dos guetos e dos campos de concentração. Tensão, angústia, violência, drama. Nem mesmo em idade avançada, o sr. Sammler pode se recolher ao deleite da vida contemplativa que seu temperamento e seus hábitos de intelectual e pesquisador requerem. O punguista negro que ele surpreende agindo no ônibus e que, como advertência para que não avise a polícia, o persegue até a residência com gestos obscenos, constitui um lembrete brutal de que a realidade exterior está ali, pronta, à espreita, por assim dizer. Um traço que caracteriza aliás de modo geral a obra do novo Prêmio Nobel: "Bellow — ensina Irving Malin — "vê a sociedade contemporânea como uma ameaça".

O sr. Sammler não se limita, todavia, a temer o mundo que o rodeia. Ele se deixa fascinar. No próprio comportamento do punguista descobre traços nobres, algo de principesco. No livro **"The Novels of Saul Bellow"**, Keith Updall esclarece: "Bellow é torturado entre sua admiração pela militante e sua inclinação por uma beatitude indefesa e desligada da força de vontade". Embora tenha escrito em 1967, antes, portanto, da saída do romance que estamos comentando, o professor Opdahl oferece um comentário relevante ao caso, quando comenta. "Os personagens de Bellow são ostensivamente pessoas voltadas para o amor, dependentes do mundo, mas, no fundo, alienadas".

Se o contacto do sr. Sammler com Nova York o perturba, seu encontro com alguns entes isolados provoca-lhe uma atitude de perplexidade.

Bellow, admite-se, se esforça em "situar" os indivíduos que pinta. O meio social, a geografia, as peculiariedades linguísticas, o "background" político, religioso. Os estudiosos de sua obra concluem, porém, que da sociologia, ele foi indo mais no rumo da psicologia.

Seja como for, e não se procurando negar sua habilidade profissional Saul Bellow não denota alguma vocação especial para infundir vida aos "fantasmas" que produz. Vejamos "O Planeta do sr. Sammler". Se examinarmos esta ou aquela cena, concordamos que, isoladamente, cada uma revela eficiência artesanal, constitui uma "fatia da realidade". Mas o romance em si, no seu todo, a que vem, que significa?

A dúvida não é só minha. O insuspeito Opdahl, no estudo acima citado, concede que Bellow é ambíguo. Informa: "verificando que seus romances dão margem a interpretações contraditórias, os críticos se queixam de que o sentido básico é pouco claro". Os Livros do Prêmio Nobel americano sugerem desde o início que o herói vai alcançar alguma verdade importante, obterá uma "revelação". Isso não ocorre — como o próprio Opdahl admite — deixando no leitor um saldo de frustração. Bellow fica a meio caminho de Hesse e Charles Morgan.

Não exigimos que o sr. Sammler "descubra a Verdade", como o Larry do romance "comercial" "O Fio da Navalha", de Somerset Maugham, onde o misticismo é posto ao alcance de todos. Nem esperamos que o ritmo da ação se equipare ao de um "thriller" de Mickey Spillane. Mas temos o direito de indagar "whatit is all about". Aonde quer chegar Bellow com esse sr. Sammler andejando por Nova York? Certos romances de Updike (sem entrarmos em cotejo global dos dois autores) também não andam em linha reta. Os protagonistas estão presos nas malhas de seus conflitos, conjugais ou outros. Aqui, não se trata disso. O autor divaga, e com ele os personagens.

Saul Bellow já havia recebido por duas vezes, nos EUA, o **National Book Award** — em 1954, com **"Augie March"** e, em 64, com **"Herzog"** — e agora conquista o Nobel. Um escritor, portanto, ultra consagrado. Mas discutido. E, por isso, nossas modestas considerações não devem escandalizar. Opdahl concorda que Bellow, a quem ele tanto admira, de fato não corresponde exatamente ao que se pode esperar de um "grande escritor". Ainda está "procurando a forma adequada". "Herzog" foi uma tentativa ambiciosa e que teve, a meu ver, o mérito de caber num tomo menos alentado do que "O Planeta do sr. Sammler".

Já então, Bellow procurava uma verdade. Qual? A que — diz ele, pela boca do Sr. Sammler — "todos nós sabemos, Deus, que nós sabemos... que sabemos, sabemos... sabemos!" Alguém sabe mesmo?

CALENDÁRIO

Presentes de fim de ano desafiam a criatividade

As caixas de bebidas, como presente de fim de ano, estão sendo colocadas de lado. Várias são as causas. O uisque e o vinho estrangeiro tornaram-se cansativa rotina. Além disso, com as restrições à importação, os preços subiram astronomicamente. E o uisque nacional não alcançou ainda, o status de presente, significativo. As bebidas apresentam um inconveniente sério do ponto de vista de marketing: não marcam o presenteador. A lembrança que deixam esmaece ao esvaziar-se a garrafa, terminando assim a comunicação.

Por isso as agendas entraram em moda, acompanhadas de perto pelos presentes personalizados. Até mesmo edições de gravuras, livros, etc. foram feitos. Mas a repetição tem sempre um sabor de monotonia. E assim a criatividade continua em ação em busca de novas soluções.

É claro que nos novos caminhos que se abrem sempre predominam soluções anteriores, um pouco mais trabalhadas, aprimoradas, apelando para o valor artístico, gráfico, conteúdo histórico ou utilidade. Este ano as casas especializadas em brindes tiveram um movimento imenso. Mesmo apesar da crise havia necessidade de presentear. E isso assegurou um movimento imenso.

Entre as iniciativas de maior significação artística, este ano, das que tivemos notícia, figuram as da Rhodia, Phillips, Fiat, Pirelli e Estrela.

A Rhodia preparou um trabalho de muito bom nível artístico, gráfico e de valor histórico, que foi entregue ao público intelectual de São Paulo no Museu de Arte de São Paulo. Trata-se da edição "Capitanias de Mar e Serra", que representa o levantamento histórico de Parati, Ubatuba, Caraguatatuba, Campos do Jordão, Guarapiranga e Itanhaem. Thomaz Ianelli, em 22 aquarelas reproduzidas com perfeição, apresentam tomadas das cidades estudadas pela professora Julita Scarano. O trabalho, concebido por Luiz Seráphico, importou ainda na pesquisa de locais feita por Miguel Galante. A literatura e a pintura constituem os elementos básicos do trabalho que, além do mais, possui excelente qualidade gráfica.

A Fiat fez o lançamento do 147, encaminhando, com os convites, uma gravura, em cores, de Odetto Guersoni, artista paulista detentor de vários prêmios. Pela alta valorização do trabalho do gravador tratou-se de uma recordação que vai permanecer, já que será devidamente emoldurada e pendurada.

A Pirelli apresentou um calendário curioso e inusitado, tendo como tema a "Cachaça", com uma crônica de abertura do escritor, historiador e sociólogo Gilberto Freire, em que termina dizendo que a "batida tornou-se tão castiça como expressão da hospitalidade brasileira como o cafezinho". Acompanha o calendário um verdadeiro receituário ligado ao que os entendedores chamam "arte" da batida.

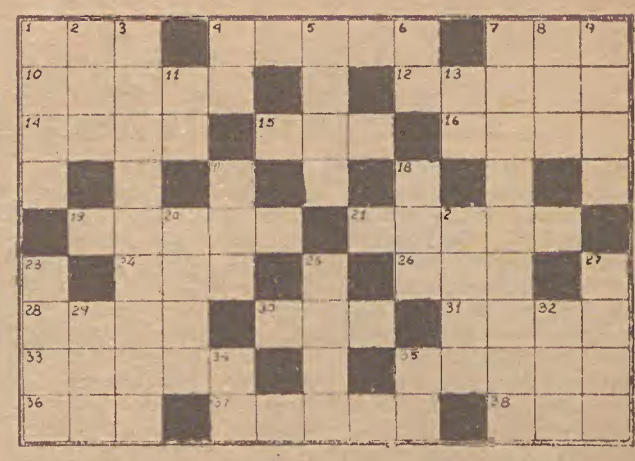
A Philips para 1977 lançou um calendário tendo como tema o índio brasileiro, suas crenças, seus costumes e sua arte. Em se tratando de índio a presença obrigatória da Funai, representada pelo general Smarth de Oliveira, presidente, e pelos sertanistas Orlando Villas Boas e Apoena Meirelles. Um disco compacto de cinco faixas de músicas típicas indígenas, gravadas nas aldeias do Xingú, aompanha o calendário.

A Estrela, que completa em 77 seus 40 anos de atividades, dedicou seu calendário às Lendas Brasileiras, com texto da escritora Clarice Lispector e fotografias de Maureen Bisilliat, Miro, Lenita Perroy, Richard Zygmunt, Ella Durst. Como nasceram as estrelas; Alvoroço de Festa no Ceu; O pássaro da sorte; As aventuras de Malazartes; A perigosa Yara; Uma festança na floresta; Como apareceram os bichos e Uma lenda verdadeira, são as histórias de janeiro a dezembro.

"Como apareceram os bichos", de Maureen Bisilliat, para o calendário dos 40 anos da Estrela.

JOGOS

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

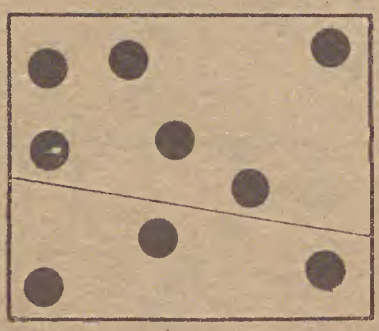
1. Satélite natural da Terra.
4. Indígena.
7. Genitor.
10. Concordar, aceder.
12. Gasto, velho.
14. Promessa solene, juramento.
16. Terra preparada para plantio.
19. Casualidade.
21. Dinheiro (gíria).
24. O mesmo que trans.
26. Saudação romana.
28. Grande afeição, sentimento profundo.
30. Benefício, virtude.
31. Diante de.
33. Embarcação sem coberta, de proa aguçada.
35. Espécie de mesa destinada a cerimônias religiosas.
36. Medida agrária.
37. Desenho impresso a cores.
38. Saudação popular.

Verticais:

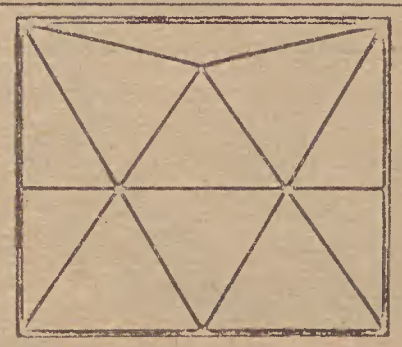
1. Rocha em fusão, expelida pelos vulcões.
2. Unido, coeso.
3. Natural do país em que habita e descendente de raças que ali sempre habitaram.
4. Partir.
5. Máxima, sentença.
6. Conjunção alternativa.
7. Enfeite, ornamento.
8. Sufixo grego, indica descendência.
9. Canoa estreita e muito rápida usada em competições aquáticas.
11. Um dos satélites de Júpiter.
13. Sobrenome.
17. Membro empenado das aves.
18. Berne.
20. Lama, lodo.
22. Garantia, fiança.
23. Espécie de padiola.
25. Rua estreita e curta, às vezes sem saída.
27. Simples, sem mistura.
29. Parte do oceano.
32. Igual ou semelhante.
34. Antes de Cristo.
35. Para o.

Jogo 1
Na horizontal e na vertical a soma de cada coluna é 35. Complete os números que faltam.

			2	
2				35
8	12			35
	7		9	35
		3	15	35
35	35	35	35	



Jogo 2
Separe todos os pontos, traçando 3 linhas retas.



Jogo 3
Quantos triângulos há neste quadrângulo?

Jogo 4
Forme 5 círculos juntando duas partes para cada um.
Cada círculo deverá conter uma vogal e uma consoante.

SOLUÇÕES

Palavras Cruzadas
Horizontais: LUA – INDIO – PAI – ANUIR – USADO – VOTO – ATO – ARAL – ACASO – ARAME – TRA – AVE – AMOR – BEM – ANTE – CANOA – ALTAR – ARE – CROMO – OLA.
Verticais: LAVA – UNO – AUTOCTONE – IR – DITO – OU – PARAMENTO – ADA – IOLE – IO – SA – ASA – URA – ARRO – AVAL – MACA – BECO – MERA – MAR – TAL – AC – AO.

Jogo 1

Resposta: 2-14-15-4/8-12-10-5/ 12-7-6-4/ 13-2-3-16

Jogo 2
D com I U com X O com P
Resposta: A com Z B com E

Jogo 3
Resposta: 19

Jogo 4

P.M.BARDI

Centenário de Marinetti

O Suplemento Cultural de "O Estado" lembra a passagem do centenário do nascimento de F.T. Marinetti numa inteligente página do prof. Paolo Angeleri, diretor do Instituto de cultura Ítalo-Brasileiro. O autor, além de notar a transposição do movimento (lançado em Paris em 1908 pelo poeta, quando para lá se transferiu vindo do nativo Egito) no Brasil, oferece uma lúcida definição da relação Futurismo-Fascismo e as consequentes interferências entre os movimentos ideais e os movimentos políticos. Digo no plural, pois Angeleri nota oportunamente: "Um fato é indiscutivel: o Futurismo italiano, particularmente no seu desenvolvimento pós-guerra (a de '14-18') operou na realidade política italiana fascista, enquanto o Futurismo russo, particularmente com Maiakowski, operou no contexto político comunista". A luta do Futurismo foi, no princípio, essencialmente anti-burguesa.

Naturalmente, conheci Marinetti bem de perto. Tive a honra de com ele polemizar, quando, publicando pela primeira vena Itália apreciações de Cocteau (por ocasião de uma exposição na 'Galeria Bardi'de Milão dedicada aos trânsfugas do Futurismo, Carlo Carra e Ardengo Soffici, 1929), o espirituoso amigo reagiu violentamente. Não aceitava comparações com d'Annunzio: Cocteau dizia em duas mise-á-point: em 'Carte Blanche': "M. parle de ce dreadnought dans le style de Byron", no 'Secret Professionel': "Gabriel d' Annunzio, regardant une locomotive, pense à la 'Victoire de Samothrace'. M. regardant la 'Victoire de Samothrace' pense à une locomotive. Etat d'esprit pareil".

Poder-se-ía acrescentar, como contribuição, quando o prof. Angeleri afirma a respeito do influxo de Marinetti sobre Mussolini (também ele no princípio revolucionário antiburguês, lutando contra o rei, o papa, o capitalismo), lembrar a influência de d'Annunzio sobre o diretor do 'Popolo d'Italia', e a posterior participação dos dois poetas no desenvolvimento do Fascismo que tangenciou para a consolidação das posições do rei, do papa e do capitalismo, formando-se em seguida um partido burguês. Sem dúvida M-d'A-Muss foram os artifíces da revolução italiana de 22, logo depois enfeixada nas mãos do Duce, liquidando os poetas, um com o riquíssimo brinquedo do 'Vittoriale' para o d'Annunzio, enquanto o outro com sua nomeação como membro da Real Academia da Itália.

Quando estive na Russia, em 1933, Majevold me pediu notícias do trio; um político avisado, ao invés, me pediu notícias só de Mussolini. Sabia que os outros dois partners estavam aposentados.

Estilo lasanha

O povo é arguto. Expontaneamente se manifesta diante dos fatos e das coisas com bom senso e bom gosto. Quando abriram a Nova Avenida Paulista com aqueles arranjos verde-novidades (baldes contendo plantas e árvores, e cercados de bolinhas por todos os lados; cogumelos à guisa de guarda-chuvas; containers para abrigar mini-barzinhos, bancas de jornaleiros e floristas que não resistiram quinze dias e agora estão reduzidos a frangalhos), o povo logo batizou: os baldes de 'pinico de elefante', os mini-guarda-chuvas de 'cogumelos', as lojinhas de 'caixões', e assim por diante. Agora é a vez do batismo oficial do monumento (até hoje ninguém atinou qual a razão de um monumento colocado num cruzamento, isto é, em espaço tão pobre, acanhado, sem graça) que a EMURB mandou erguer no calçadão da Rua 24 de Maio. Se o público do 'Aqui' não viu, aqui vai uma palavra: trata-se de uma gigantesca lâmina em torno da qual está enrolada outra fita. O povo vem chamando o monumento de 'Lasanhas'.

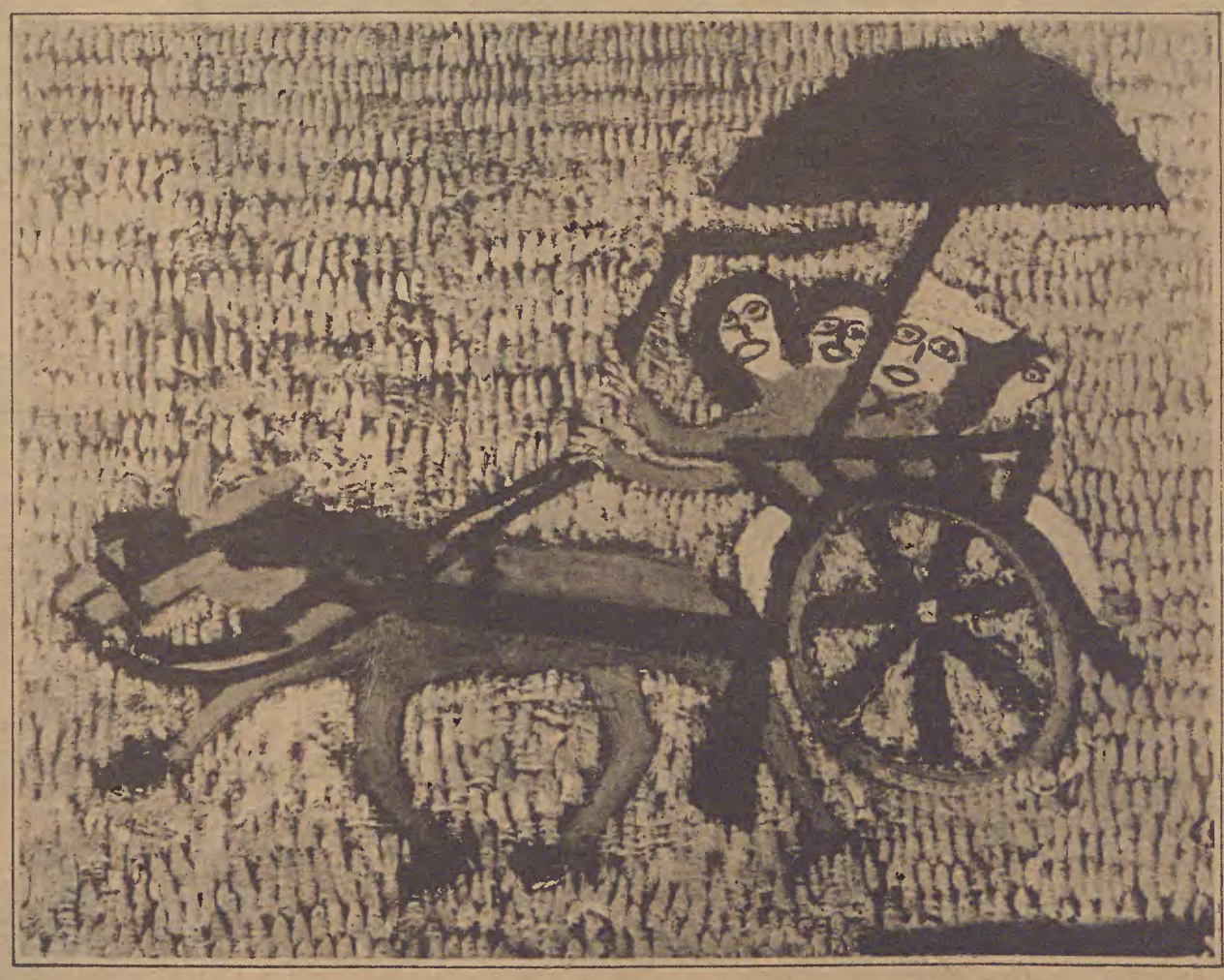
Mobral

Os amigos, do Gallup, (pesquisas sempre bem boladas, oportunas, sérias) deveriam estabelecer qual o número das janelas dos automóveis que levam adesivos publicitários (na Europa são proibidas, uma vez que atrapalham a visão da pessoa ao volante sem se contar que são de extremo mau gosto), especialmente os que indicam escolas, institutos, cursinhos e companhia bela. 'USP engenhria', USP comunicação', 'PUC direito', 'PUC aqui', 'USP lá', 'Objetivo', 'Agrária e Pecuária', 'FAAP' (por testamento do sr. Alvares Penteado, fundação de artes plásticas e hoje: Engenharia, Administração, Computadores, Jornalismo, Odontologia, etc., no setor administrativo). Faculdade de A.B.C.D., etc., e assim por diante.

Gosto de estabelecer uma relação entre as amostras coladas nos vidros e os caras sentados ao volante: é um prazer olhar tanta juventude estudiosa, que quer bem as suas escolas, e penso que um dia serão nossos médicos, construtores, dentistas, executivos portando suas malinhas à 007 e com as iniciais gravadas na fechadura, veterinários, contabilistas e toda uma corte que vive na era do progresso e puxando o país para a frente. Ocorreu-me ontem descobrir uma plaquinha no parabrisa de um Fusca: rara, raríssima entre tão deprimente chatice de escolas, escolinhas e jardins de infância. Dizia, vitoriosamente: MOBRAL.

Salão

"O VII Salão Paulista de Arte Contemporânea está em cartaz no Paço das Artes, do Museu da Imagem e do Som. Algum interessado? Provavelmente muito poucos, além dos próprios expositores. Salão oficial, sujeito a sabe-se lá que critérios de seleção e premiação, o resultado é uma bela de uma salada, onde entrou de tudo um pouco". Assim escreve o crítico LCA no "Jornal da Semana". Subscrevo a opinião, juntando que não é mais tempo de Salões e de Feiras dos Amadores. Eles têm a praça da República e o Embú para brincar.



O Museu de Arte de São Paulo encerrou a exposição dedicada a José Antônio da Silva, reunindo todas as pinturas reproduzidas no livro a ele dedicado, com um ensaio de Theon Spanudis. Pintor dos mais interessantes do Brasil, José Antônio da Silva é hoje considerado como o número um daquele grupo dos assim chamados Primitivos. Fala-se, naturalmente, dos que valem (não do costumeiro exército de aproveitadores da onda do pintor ingênuo).

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

LEONARDO BLAKE

Visita ao Sepulcro do Cruzado Montoro

Tendo ouvido um mero boato de que o Senador Franco Montoro, da Oposição ferrenha, M.D.B. paulista ínclito, tivera votado contra o divorcio, enviamos nosso comentarista Leonardo Blake a Brasília, onde Franco Montoro foi incisivo com nosso Enviado Especial.

— É verdade que o Sr. votou contra o divórcio no Brasil?

Franco Montoro — Como sabe, sou do extinto Partido Democrata Cristão, portanto não poderia votar contra minhas convicções eclesiásticas. O casamento é um sacramento indissolúvel. O Sr. por acaso não ouviu nunca um sacerdote terminar a cerimônia de um casamento, diante do Altar-Mor, com as palavras "até que a morte vos separe"?

— Mas então o Sr. advoga o assassinato de um dos cônjuges no caso de casais que foram infelizes no casamento?

Franco Montoro — Sua pergunta denota uma cretinice congênita, meu caro. Digo apenas que "tudo o que Deus juntou, o homem não pode separar".

— E não se pode tentar uma nova união?

Franco Montoro — Viver em concubinato é atrair para si o Inferno. Os filhos é que sofrem com o adultério e a dissolução de costumes que o divórcio, no Brasil, acarretaria fatalmente.

— O desquite lhe parece uma solução melhor?

Franco Montoro — Acho que só a resignação cristã permite trazer harmonia ao casal. Meu filho, não confunda casamento com Loteria Esportiva, o tálamo conjugal não é uma equipe da Seleção de um Clube de Futebol, um véu de noiva não é uma rede de goleiro.

Como havia um baile comemorativo do discurso do Senador Franco Montoro, promovido pela Tradição, Família e Propriedade e pela Liga das Senhoras Católicas, em uníssono convescote festivo, nada mais foi dito. (Ver foto 1)

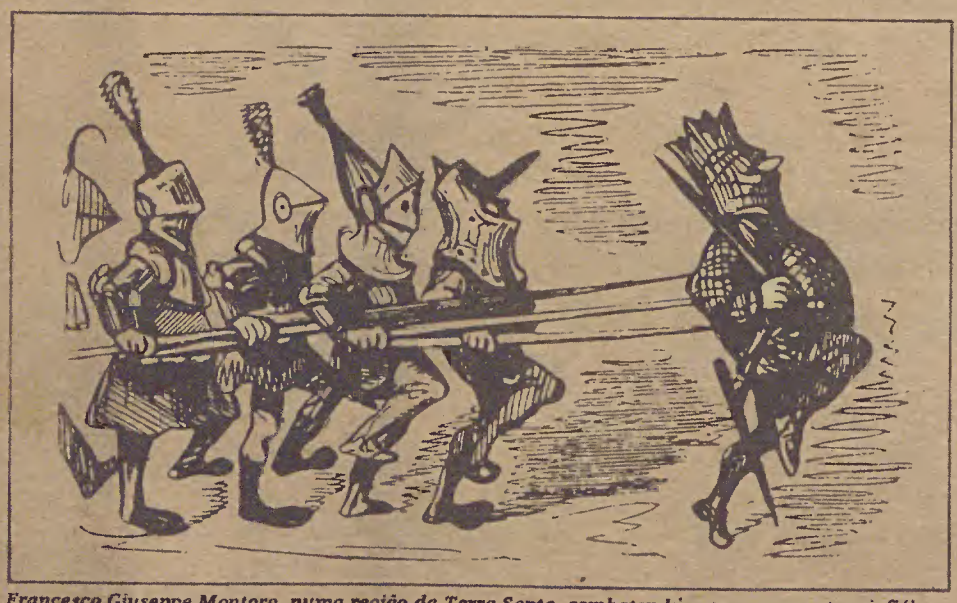
Graças à intercessão de um nissei da TFP, pudemos folhear o Álbum de Família do Cavaleiro Sem Mácula da Sagrada Cruzada contra o Demônio do Divórcio, do qual extraímos algumas fotos. Só um instantâneo não faz parte do Álbum. Logo dispersadas pela polícia, várias mulheres mal casadas iniciaram um protesto em frente à casa de Franco Montoro, mas suas palavras de baixo calão e seu comportamento grotesco foram sufocados com mangueiras d'água, uma bomba lacrimogênica (tamanho família) e admoestações sensatas de passantes. As fotos do Álbum do Cavaleiro Montoro:

À esquerda, oferecendo o braço a uma Senhora da Liga Católica, o Senador Franco Montoro, assinalado por uma seta. Ao fundo (seta 2), o Sendor divorcista derrotado, Nélson Carneiro.

Comenda de Impoluto Defensor do Lar Brasileiro, atribuida unanimemente pela Associação do Banco Lar Brasileiro e seus funcionários. O senador Franco Montoro

Ex-Libris da vasta biblioteca social e teológica de Franco Montoro.

Mal casadas ou mulheres da vida, a Polícia Técnica local não especificou, pouco antes de serem dispersadas no protesto fútil que fizeram contra o Senador anti-divorcista.



Francesco Giuseppe Montoro, numa região da Terra Santa, combatendo os mouros e outros infiéis. Relíquia preservada na "Genealogia dei Montori", edição italiana de 1066.

Imagem emoldurada e colocada no criado mudo do Senador. Em baixo traz a inscrição: "É preciso deter o tempo. A corrupção dos costumes age a todas as horas".

Freiras trapistas que vieram agradecer ao Senador pela sua inabalável defesa da Família Brasileira Contra o Divórcio, Pro Abnegação e Fé.

Nota da Redação: É de Leo Gilson Ribeiro a autoria da crônica "Emissário de Dom Quixote repete Pero Vaz Caminha". For um lapso da paginação saiu na seção de Leonardo Blake.

AQUI
SÃO PAULO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM